

PENTAGRAMA

Revista bimestral do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Julho/Agosto 1999 - ano vinte e um nº 4

O QUE A MITOLOGIA
GREGA TEM A DIZER AO
HOMEM MODERNO?

A CRIAÇÃO,
SEGUNDO OS
ANTIGOS GREGOS

Os MISTÉRIOS
DE ELÊUSIS

NO CAMINHO DO
SACERDÓCIO REAL

ÍCARO: A ELEVAÇÃO
PARA A LUZ

ULISSES, OU
UMA VIAGEM DE
RECONHECIMENTO
DENTRO DE SI MESMO

PODEMOS FIXAR
A ETERNIDADE NO
TEMPO?

A ESCOLHA
ENTRE O PRAZER
E O DEVER E A SENDA
DA IMORTALIDADE

O ROUBO DO
MANTO DA ALMA

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

ÍNDICE

- 2 O QUE A MITOLOGIA GREGA TEM A DIZER AO HOMEM MODERNO?
- 4 A CRIAÇÃO, SEGUNDO OS ANTIGOS GREGOS
- 8 OS MISTÉRIOS DE ELÉUSIS
- 13 NO CAMINHO DO SACERDÓCIO REAL
- 17 PODEMOS FIXAR A ETERNIDADE NO TEMPO?
- 22 ULISSES, OU UMA VIAGEM DE RECONHECIMENTO DENTRO DE SI MESMO
- 27 ÍCARO: A ELEVAÇÃO PARA A LUZ
- 32 A ESCOLHA ENTRE O PRAZER E O DEVER E A SENDA DA IMORTALIDADE
- 39 O ROUBO DO MANTO DA ALMA

1999
ANO VINTE E UM
NÚMERO 4

O QUE A MITOLOGIA GREGA TEM A DIZER AO HOMEM MODERNO?

Por volta de 2.000 antes de Cristo, a vida na Grécia era dominada por aquilo que hoje chamamos de “mitologia grega”: um formigamento matizado de deuses, semi-deuses e heróis, engajados nas mais fantásticas aventuras. Muitas destas narrativas sobreviveram em versões que foram sendo freqüentemente mutiladas. A Grécia apresenta uma grande riqueza de ruínas de seu passado glorioso: os atores destes dramas míticos foram esculpidos milhares de vezes em argila, em bronze, em pedra, e sempre servem para enfeitar os jardins “em estilo clássico” do mundo inteiro. Mas a maior parte da sabedoria que estava oculta por detrás destes mitos foi-se perdendo.

As três grandes obras que relatam estas histórias maravilhosas são a *Teogonia* de Hesíodo, a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero. Nestes textos, os deuses são apresentados como homens e se comportam de uma maneira tão comum ou incongruente quanto eles. Como não havia nem ensinamento revelado, nem rituais, nem livros sagrados, nem códigos de conduta, estes textos oferecem uma possibilidade quase que infinita de interpretações.

Euêmero (por volta de 300 antes de Cristo) pensava que os mitos gregos provinham de pequenas histórias e que os personagens principais tinham sido elevados até o nível de deuses. O filósofo Pródico ensinava que os deuses eram

personificações de forças naturais. Para Heródoto, que foi o “pai da História”, é evidente que a tradição grega tem como fonte os Mistérios egípcios.

A sabedoria oculta dos Mistérios gregos somente era transmitida nas Escolas de Mistérios. As narrativas e as inúmeras peças de teatro eram os meios de comunicar esta sabedoria e seus valores subjacentes, de dar alimento espiritual a todos aqueles que não estavam nas escolas. Como a atmosfera ainda não era tão poluída, e como talvez o coração tivesse uma composição diferente, um coração aberto podia assimilar estes valores sem que fosse preciso dar outra forma de explicação.

Sete níveis estreitamente imbricados

A sabedoria revestia o manto do mito. Isto significa que estas narrativas não tinham nenhuma base realista ou histórica. Ora, o uso da forma mítica permite que várias inverossimilhanças e elipses sejam introduzidas nesta forma de exposição. A epopéia dos deuses olímpicos, por exemplo, é descrita e comentada na Doutrina Universal em sete níveis estreitamente imbricados:

- ações de forças naturais dotadas de inteligência
- ações de forças cósmicas
- os cargos celestes
- os deuses
- poderes psíquicos e espirituais
- reis divinos na terra ou encarnações de deuses
- heróis ou homens terrestres

Os deuses vão mudando de aspecto e de nome cada vez que aparecem ou representam uma situação específica. Além disso, quem criou e manteve a natureza espiritual foi a mais profunda Sabedoria e os deuses solares elaboraram a natureza material. Esta dinâmica turbulenta é difícil de ser aceita pelo homem moderno, que tem uma consciência ávida de provas. Mas os gregos, com sua alegria de viver e sua grande alma, não tinham nenhuma dificuldade em reconhecer-se nestes textos. Estes homens estavam inaugurando o período de desenvolvimento do autoconhecimento. A agitação da vida afetiva que caracteriza a vida astral — as disputas entre os deuses, semi-deuses e heróis — iria dar nascimento a uma nova faculdade: a de discernir entre “fora” e “dentro”, entre o que é “exterior” e o que é “interior”. Fazer a diferença entre “eu”, “o que está dentro de mim” e “o que está fora de mim” era a prioridade desta época. Reconhecemos este processo em muitos mitos.

O homem do século XX, na melhor das hipóteses, chegou ao final de seu desenvolvimento. A personalidade está constituída e o indivíduo pode ver a si mesmo conscientemente. A partir deste ponto de vista, é lógico que a mitologia grega esteja ressurgindo na cultura ocidental e que as interpretações do “homem devotado à razão” se imponham à inteligência evoluída. Ao mesmo tempo, os aspectos puramente míticos, e realmente inexplicáveis, chegam a expressar-se na consciência do homem moderno — por exemplo, na arte de tonalidade clássica.

Hoje, a luta dos deuses, semi-deuses e heróis acontece na consciência de

cada pessoa. Não é de se estranhar que as comédias e tragédias gregas sempre estejam sendo representadas. E é para se estranhar menos ainda que uma expedição heróica seja sempre qualificada de “odisséia”, ou que um drama familiar seja comparado a uma “tragédia homérica”. Quem não se lembra de seus próprios sentimentos ao ler a narrativa das aventuras de Ulisses, de Hércules, de Ícaro ou de Édipo? As peripécias enigmáticas da vida de um Hércules ou de um Ícaro podem manter, em muitos seres, a aspiração por uma vida superior.

Como os mitos e as lendas transmitem uma sabedoria milenar que não existe nas religiões estabelecidas, eles continuaram a existir como se fossem uma correnteza subterrânea, em todas as civilizações. A Igreja e o Estado tentam fazer esta sabedoria milenar ressurgir apenas nos momentos dramáticos; mas ela persiste, desde sempre, particularmente na sabedoria popular do Ocidente.

Portanto, não é de se espantar que as pessoas que atualmente estão buscando valores superiores possam descobrir seu ponto de partida nos Mistérios gregos. Neste número temático da revista *Pentagrama*, diversos autores tentam estabelecer a ligação entre as experiências pessoais e o que está no próprio fundo destes mitos. Esperamos que eles tenham conseguido tornar mais fácil para os leitores a solução dos mistérios da vida.

A Redação

A CRIAÇÃO, SEGUNDO OS ANTIGOS GREGOS

De acordo com numerosas cosmogonias, somente um Deus criou o céu e a terra. Os antigos gregos conheciam, entretanto, uma família de deuses, que se ocupavam tanto do bem quanto do mal da criação e de seus habitantes, os humanos. Os deuses ficavam no alto do Olimpo. O Deus supremo, Zeus, e onze membros de sua família estavam especialmente relacionados com os elementos fogo, ar, terra e água.

Por volta de sete séculos antes de Cristo, Hesíodo escreveu sua *Teogonia*, poema de 1022 versos em que ele conta, de modo detalhado, todas as histórias da mitologia grega. Inúmeros elementos foram tirados do *Rig-Veda* (que era dois mil anos mais antigo). De acordo com a Doutrina Universal, a origem da mitologia remonta à época da Atlântida — mais anterior ainda. Isto quer dizer que ela engloba pelo menos um período de muitas centenas de milhares de anos da história da humanidade, portanto de evolução das raças principais e de sub-raças divinas desde o início.

Segundo Hesíodo, no princípio somente o Caos reinava. Esta palavra “caos” pode ser traduzida por “espaço aberto, vazio” ou por “espaço ainda não ordenado”, ao contrário da palavra “cosmos” que significa “ordem”. O Caos pode assim ser relacionado com o éter, a substância primordial, a mãe original. De acordo com os Mistérios de Orfeu, era a matéria intermediária entre Deus e a criatura, o “arqueus” ou a alma do mundo.

Como o universo surgiu

O mundo organizado desenvolveu-se a partir do mundo desorganizado. Em outras palavras, do Caos saiu a primeira geração divina. Primeiro surgiu o abismo tenebroso, o Tártaro. Depois surgiu Eros, que fez a ligação com Gaia, filha de Caos e também mãe e esposa de Uranos (Urano, o céu). Gaia é a mãe da Terra. Nos Mistérios de Orfeu fala-se de um ovo que se encontrava no Caos: a metade superior era a abóboda celeste e a metade inferior, a Terra. Entre as duas, inflamou-se o núcleo de luz de onde saiu toda a criação.

Sob a influência de Eros, Urano fecundou sua esposa Gaia e, desta forma, chamou à existência a criação. Da ligação entre o céu e a terra nasceram os representantes do fogo divino: os Titãs. Ora eles são sete, ou múltiplos de sete, ora são doze: seis masculinos e seis femininos. Em seguida, Gaia colocou no mundo os três Cíclopes que, na Doutrina Universal, pertencem às três sub-raças divinas e cujos olhos materiais ainda não estavam desenvolvidos. Enfim, a Terra gerou três entidades que tinham 50 cabeças e 100 braços, que Urano lançou também no Tártaro com medo que elas dominassem.

A criação começou com três forças que no hinduísmo são denominadas os 3 “*gunas*” e descritas como as faces de uma pirâmide de três lados: Sattva, Rajas e Tamas. Sattva é comparada a Eros, Rajas a Gaia e Tamas ao Tártaro. No *Bhagavad Gita*, o livro sagrado dos hindus, Krishna adverte seu discípulo: “liberta-te dos três *gunas*, Arjuna.” Estes *gunas* são as forças que dirigem

o campo dialético de vida, que é a natureza da morte, onde todas as criaturas um dia nascem, se elevam a um ápice e depois mergulham na morte.

Urano, como dizíamos, prendeu suas criaturas porque elas provocavam sofrimento e discórdia. Ele próprio havia começado este desenvolvimento, mas suas criações não lhe davam nenhuma alegria. Portanto, Urano também é considerado como o causador da queda, do distanciamento e separação de Deus.

Cronos e os deuses da segunda geração

No livro *Arquignosis Egípcia*, Tomo III, capítulo XIX, Jan van Rijckenborgh escreve:

“Com a expressão “Uranos e Cronos” são indicadas as sublimes forças da luz com que o tempo e a eternidade estavam ligados numa bela unidade, e que, no final da era atlante, na aurora da dispensação ariana, entraram em contato com a humanidade. Trata-se aqui das manifestações espirituais divinas que foram criadas e formadas por essas entidades há muitos milhões de anos. Estes semeadores ou “saturnais” (Cronos: Saturno) trouxeram a semente áurea para a nova humanidade manifestada. Estes semeadores que se encontravam no mundo, mas que já não eram do mundo, possuíam um corpo, porém podiam atuar fora dele, a fim de testemunhar, em primeira mão, da magnífica visão da majestade da natureza fundamental aos que ainda permaneciam fora dela.”

Cronos, o filho mais novo de Urano,

roubou de seu pai o poder criador, diz Hesíodo em sua *Teogonia*. A Doutrina Universal acrescenta que desde então a criação já não se desenvolveu de acordo com “a vontade do criador”, mas por propagação. Cronos, o Tempo, fez surgir a temporalidade, o fim dos seres e das coisas. Tudo o que ele gerava ele retomava para si. Cronos devorava seus próprios filhos, diz Hesíodo.

Cronos, que equivale a Saturno, é descrito como um homem com uma foice que vem cortando indistintamente tudo o que floresceu; depois, como aquele que promoveu a Idade de Ouro: o tempo em que o aspecto material do mundo se desenvolveu e quando houve abundância de tudo. É assim que é ordenada a manifestação da forma e o Caos é vencido.

Em consequência deste desenvolvimento do tempo, surgem os deuses que

Hermes: “Deus faz a eternidade, a eternidade faz o mundo, o mundo faz o tempo e o tempo faz a gênese. O bem, o belo, a bem-aventurança e a sabedoria formam, por assim dizer, a essência de Deus; a essência da eternidade é imutabilidade; a essência do mundo é ordem; a essência do tempo é mutabilidade; e a essência da gênese é vida”.

(Pimandro a Hermes, Segundo Livro do Corpus Hermeticum, em: *Arquignosis Egípcia*, Jan van Rijckenborgh, Tomo I, páginas 225 e 226, 1ª edição, 1984, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil).

representam o declínio, a morte, o sono, o sonho: em seguida, os três portadores do Destino, que dão de presente ao homem uma certa porção de bem e de mal; e depois Nêmesis, que é o *karma*, a sorte, o destino. Estes deuses vão gerando muitos outros: Abuso, Impotência, Velhice, Discórdia. E estes, por sua vez, produzem Tristeza, Fome, Doença, Luta, Assassinato, Guerra, Destruição, Briga, Mentira, Hipocrisia, Injustiça, Baixeza...

Os Titãs se opõem a uma grande materialização

Hesíodo conta que os deuses da nova geração, sob a direção de Zeus (o deus da quarta raça), escolheram o Olimpo para morar. Então começou a luta com os Titãs. A humanidade mergulhou mais profundamente ainda na matéria e os fogos divinos (os Titãs), depois de um longo combate, acabaram se extinguindo debaixo de blocos de rochedos da matéria, que foi ficando cada vez mais densa. Trata-se dos combates entre os filhos dos céus e os filhos da terra: entre o homem interior espiritual e o homem de carne e de sangue.

Os deuses do Olimpo encarnavam, entre outras forças, as forças que influem sobre o microcosmo do homem e deviam, no início, desenvolver a consciência e o poder mental. O fogo astral (os Titãs) estava associado a isto. No Tártaro, os Titãs sempre estão exercendo influência sobre o subconsciente dos seres humanos. Além disso, os deuses do Olimpo não podiam atingir sua meta sem o auxílio do homem, que deveria adquirir a autoconsciência. Também se

dizia que Hércules era “renascido de si mesmo” porque ele tinha cumprido seus doze trabalhos.

Este combate entre os deuses é uma imagem universal. Ele é descrito não

Plutarco diz que Cronos inventou o tempo e que, por isso, ele é o deus das estações e governa a matéria. É o primeiro deus que deixa de ser imortal: ele envelhece e tem de transformar-se. Esta idéia é baseada em tradições anteriores à *Teogonia*. A história de Cronos dá a entender que o cosmos não tem fim, que há um Criador eterno, mas que os deuses das gerações seguintes governarão durante um período limitado e, portanto, serão mortais. Esta idéia repousa no movimento das estrelas e dos planetas. Plutarco leva em conta o ano egípcio de 360 dias. A viagem do sol (Osíris), filho de Cronos, dura 12 vezes 30 dias. A revolução de Saturno (Cronos) é de 30 anos. Seth, o irmão de Osíris, arma um plano com seus 72 irmãos para matar Osíris, e constrói, em segredo, um túmulo para ele. O túmulo mede $72 \times 30 = 2160$, cifra que corresponde ao número de anos necessário para que o sol retrograde de um signo do zodíaco. Segundo Plutarco, conclui-se que uma “Idade de Ouro” é de $12 \times 2160 = 25.920$ anos. Ora, esta é a duração de um ano estelar! O mesmo mito também dá a revolução de certas constelações assim como a aparição e o desaparecimento de certos planetas. Muito tempo antes do desenvolvimento

somente na mitologia grega, mas também nas antigas lendas hindus e bíblicas. É preciso que o homem primeiro atinja a autoconsciência para depois poder dedicar-se a um ideal mais alto.

Antes que seja possível atingir este objetivo superior, é preciso que a atividade da Luz original se estabeleça primeiro nas trevas.

da mitologia grega, os planetas e as constelações eram considerados deuses e nomeados como tais.

O mito de Cronos oferece, portanto, 3 níveis de significação. O último nível pôde ser atingido agora por que, graças a um programa de cálculos astronômicos, um computador pode dar a posição dos planetas e das estrelas há, por exemplo, 11.000 anos. O computador traduz os mitos a partir dos movimentos dos corpos celestes e os interpreta para as civilizações de, por exemplo, 4.000 a 7.000 anos! Mas continuamos a indagar: como Plutarco tinha este conhecimento? O sacerdote egípcio de Saís, que ouvira falar do filósofo Sólon (639-559 a.C.) observou que, no que dizia respeito ao conhecimento do passado, os gregos ainda estavam de fato “engatinhando”. Os gigantes eram, sem dúvida, mortais. Mas um deles, Alcione, era considerado invencível desde que estivesse pisando o solo de sua pátria. Depois de tê-lo transpassado com uma flecha, Hércules conseguiu matá-lo porque o arrastou para fora das fronteiras de seu país. Isto faz pensar nas limitações do homem natural que devem ser ultrapassadas a fim de que ele possa triunfar sobre as forças e os instintos do sangue. Vencer a alma natural somente é

possível quando a alma imortal e o Espírito divino estabelecem uma ligação e quando a consciência se liberta da natureza.

Zeus, o pai dos deuses, não gerou somente deuses, mas também muitos heróis concebidos por mulheres mortais. Com auxílio de Atenas, a deusa que tinha “feito jorrar todo um exército da frente de Zeus”, estes heróis tinham sempre a missão de se libertar das atividades da natureza para adquirir uma consciência semelhante à consciência divina. Se eles conseguissem, agiriam em sintonia com os deuses e, como Hércules, passariam a tomar parte da imortalidade. Mas, quando isto ainda não era possível para eles, começava uma tragédia que trazia sofrimento para os homens, como, por exemplo, a que veio com a história de Édipo.

Com o herói, a queda continuou no mundo dialético, onde tudo é passageiro e mortal. Por suas lutas contra as forças da natureza que eles submetiam, eles ultrapassavam seus limites e transformavam seu destino. Assim, os semi-deuses podem ser considerados como pioneiros que tiveram de abrir novos caminhos para a humanidade, a fim de que esta tivesse a possibilidade de segui-los.

OS MISTÉRIOS DE ELÊUSIS

O que se passava nas Escolas de Mistérios da Grécia antiga somente era conhecido por aqueles que eram admitidos nestas escolas. Ou seja: de fato, todos os gregos de conduta corretíssima, assim como escravos e mulheres. Em Elêusis, até mesmo os estrangeiros eram bem recebidos. O que acontecia dentro dos templos dos Mistérios era estritamente secreto. Quem faltasse a esta regra do segredo cometia um crime contra o Estado, era banido ou enviado à morte.

Apesar de tudo, o conhecimento de certos rituais transpirava para o exterior. Conceitos e fragmentos podiam ser recolhidos nos textos que circulavam (o que, nos séculos que se seguiram, permitiu que os pesquisadores tivessem uma idéia do que deveria ter acontecido dentro dos templos dos Mistérios da antiga Grécia). Evidentemente, seu estado de consciência deu a estas interpretações diferentes matizes: geralmente elas eram bastante contraditórias. Algumas eram puramente históricas; outras limitavam-se a uma visão científica; e um pequeno número somente oferecia uma visão ampla proveniente de uma compreensão mais profunda.

Apesar de, em parte, ser possível tirar os véus que ocultam a realidade, os Mistérios, tanto antigamente como hoje, não liberam tão facilmente seus segredos. O que conhecemos deles ainda deixa muito lugar para especulações.

Diz-se que os Mistérios de Elêusis eram provenientes do Egito e que eles

eram baseados no culto da Grande Mãe do Mundo. Na Grécia, a veneração da Mãe Original encontrava sua melhor expressão nos mitos que tratavam de Deméter e sua filha Perséfone, mitos que eram conhecidos por todos os gregos e que formavam uma parte que não devemos deixar de lado e diziam respeito a sua visão da vida cotidiana e dos acontecimentos que nela se desenrolavam.

Constrangidos pela matéria

Existem muitas variantes destes mitos. Aqui, limitar-nos-emos ao centro deles. Deméter morava no Olimpo. Como filha de Réia e de Cronos, ela era irmã de Zeus, o deus supremo, e de Hades, que reinava sobre os mundos infernais. Ela era venerada como deusa da agricultura e das colheitas. Com Zeus, seu irmão, ela teve uma filha: Perséfone. Hades desejou Perséfone para esposa. Zeus consentiu e Hades levou Perséfone, enquanto ela estava contemplando um narciso, colhendo flores. Hades a levou para o reino dos mortos e Deméter, desesperada, buscou sua filha pelo mundo inteiro, sem encontrá-la. Por fim, ela cansou-se de tal forma deste mundo que ameaçou torná-lo estéril. Então, Zeus decidiu que Perséfone deveria deixar Hades com a condição de que ela não tivesse comido nenhuma das sete sementes do fruto do pé de romã plantado nos Infernos (que representavam o núcleo, a parte central das diferentes regiões de desenvolvimento). Como isto já havia acontecido e ela já havia engolido as sete sementes,



Zeus decidiu que Perséfone deveria permanecer perto de sua mãe durante a primeira metade do ano, e que ela deveria retornar ao mundo infernal durante a outra metade. Estas metades foram comparadas como sendo primavera-verão e outono-inverno.

Provavelmente, este mito era representado nos Pequenos Mistérios de Elêusis, que eram celebrados em fevereiro como iniciação. Para compreender um pouco o efeito que estes Mistérios poderiam ter sobre o candidato, é preciso saber que os antigos gregos não tinham nenhuma noção de reconciliação com a morte. Os deuses viviam eternamente no Olimpo. Os heróis, depois de morrerem, iam para a região luminosa do Empíreo. E os mortos, por sua vez, ficavam vagando, como sombras obscuras, nas trevas dos mundos

infernais de Hades. Não havia escapatória para esta situação.

Uma chance para sair disto

Entretanto, o mito de Perséfone abriu uma nova perspectiva e os candidatos eram cuidadosamente preparados para ela. Eles deveriam purificar-se durante um certo período, praticando jejum, entre outras coisas, fazendo oferendas e assimilando os ensinamentos. Em seguida, eles eram envolvidos no drama sagrado como participantes ativos.

No começo do Mistério, uma rápida alternância de luz e de obscuridade, de ruídos de vozes inexplicáveis, aparições assustadoras, uso de drogas, melodias

Perséfone guardada por Cérbero (Edmond Dulac, 1914-1918).



e cantos especiais deviam suscitar um grande terror. Depois, os candidatos eram trazidos de volta à tranquilidade e sentiam-se liberados de seus sentimentos e de suas paixões. Os métodos exatos que permitiam obter estados de consciência diferentes foram objeto de muitas especulações: na verdade, nada sabemos a respeito disto. Entretanto, seus efeitos são certamente conhecidos.

Depois desta preparação, o candidato aos Mistérios reconhecia que o destino de Perséfone era o de sua alma: sua origem divina, a ligação entre o Espírito e a Mãe Original, seu nascimento a partir desta união e sua queda para fora das esferas celestes. Sua alma estava perdida na contemplação de um narciso e assim ela tinha centrado toda a sua atenção exclusivamente sobre ela mesma, exatamente como Narciso. A flor de narciso pode ser considerada, neste sentido, como o símbolo do ego-centrismo. Foi isto que fez com que ela descesse aos mundos infernais, aqui representados pelo Reino das Trevas por oposição ao Reino da Luz. Engolindo as sementes de romã, ela ficou ligada setuplamente às forças que regem o Reino das Trevas, de tal modo que a metade de seu ser tornou-se mortal.

Por causa disto mesmo, para o candidato iniciado nos Pequenos Mistérios, morar no Reino dos Mortos já não era completamente inevitável. O poder de Hades havia sido quebrado e o candida-

to tinha, assim, a possibilidade de libertar-se deste poder.

Os grandes mistérios de Perséfone e de Iaco

De cinco em cinco anos, a partir do outono, eram celebrados os grandes mistérios Dionísíacos. A abertura desta festa era anunciada no dia 15 de setembro em Atenas. Durante 9 dias, todas as possíveis guerras eram interrompidas e o comércio fechava. A população deixava-se tomar por um “santo júbilo” e os candidatos percorriam a “senda sagrada” de Atenas a Elêusis.

A segunda parte do mistério acontecia sob o signo do mito de Dionísio, filho de Zeus e de Semele, que por sua vez era filha do rei de Tebas. Dionísio era um semi-deus. Os Titãs, provocados por Hera, esposa de Zeus, apoderaram-se de Dionísio nem bem ele nasceu, desmembraram seu corpo e o cozinharam em pedaços em um grande caldeirão. Sua avó recolheu seus pedaços e os uniu. Mas, em seguida, Hera fez com que ele ficasse louco. Assim, fala-se em um Dionísio que também se chamava Iaco, que quer dizer “grito de alegria”. Ele era filho de Deméter e de Zeus: portanto, era irmão de Perséfone. Este Iaco aparecia como um salvador e esposo divino de Perséfone.

Aqui estamos falando a respeito dos

Ao alto, Dionísio nascendo da coxa de Zeus e sendo recebido por Hermes (baixo-relevo do Museu do Vaticano, em Roma).

Ao lado, Dionísio coberto de uvas (afresco da Casa del Centenario, Museu Nacional de Nápoles).

mitos dos dois Dionísios de uma forma bem abreviada e simplificada. Vistos superficialmente, estes dois personagens têm muito pouca coisa em comum. Às vezes eles até chegam a estar em total contradição. Geralmente, as situações que decorrem disto indicam que eles fazem parte de dois mundos opostos. O Dionísio cortado em pedaços faz lembrar Osíris, o deus egípcio, que sofre o mesmo destino, a fim de espalhar sua energia vital para que ela retorne em seguida à unidade: da mesma forma que o Criador, que iria se multiplicar em sua criação para em seguida reunir todos os seres em seu coração.

Nos Mistérios, Dionísio-laco era o verdadeiro esposo de Perséfone, enquanto Dionísio descia para a criação e aí provocava um grande tumulto. laco ainda era uma criança. No 9º dia de festa, na qualidade de segundo Dionísio, ele era carregado em meio a uma jubilosa procissão pública, pela senda sagrada que unia Atenas a Elêusis. Na noite seguinte, os candidatos aos Mistérios se uniam a seus pares fora do local dos Mistérios: depois disso, eles estavam aptos a subir até o Olimpo.

Este processo pode ser comparado ao das “núpcias alquímicas” de Christian Rosenkreuz: a libertação final da alma por meio do renascimento. É daí que vem o nome laco: ele é o libertador que renasce na alma jubilosa, e que permite que a alma mergulhe no Espírito. Renovada e preparada para ser receptiva, depois conduzida na comunidade das almas que possuem a mesma diretriz, ela atingia, pela iniciação, a “Eoptéia”, que é a beatitude da contemplação divina.

Será que os Mistérios gregos atingiam, efetivamente, este estado superior? Apenas podemos fazer suposições. Ao menos os candidatos adquiriam a compreensão de sua origem, das causas de seus males, assim como tomavam conhecimento do caminho de retorno e da entrada no campo de vida original.

Na hora da despedida, eles recebiam



um cesto onde havia um ovo, uma serpente enrolada e uma pinha. Estes são os símbolos do caminho que devemos completar para adquirir a alma. Tendo saído do ovo do mundo, os candidatos devem seguir os inúmeros meandros de sua consciência (a serpente) para finalmente perceber sua ligação com o macrocosmo, graças à renovação da pineal (a pinha). Não sabemos se este cesto teria realmente relação com o caminho da transfiguração.

É preciso não deixar de lado o aspecto profético destes Mistérios. De acordo com alguns autores, Iaco coroado, que é o segundo Dionísio, representa o Cristo que está para vir, o noivo da alma, que liberará todos os deuses gregos e seu mundo. Segundo estes autores, a senha estrita do silêncio tratava desta parte dos mistérios. Este conhecimento era destinado apenas aos iniciados.

A palavra Elêusis significa “vir”. Schelling associa esta palavra à idéia de “O Advento”, o tempo que precede a vinda de Cristo. Neste sentido, os Mistérios de Elêusis eram o anúncio da vinda do “deus desconhecido”, ao qual os atenienses haviam consagrado um altar.

Acredita-se que o culto de Elêusis surgiu por volta de 1400 a.C.. Os hierofantes eram consagrados em um banho de imersão. Recebiam um novo nome, um manto púrpura e uma coroa. A grande popularidade desta iniciação fazia com que 10.000 pessoas, entre homens e mulheres, tomassem parte dela. Os sacerdotes eram ricos e poderosos e gozavam de grande consideração em toda a Grécia. No início, somente as famílias privilegiadas pelos deuses participavam da celebração ritualística. Posteriormente, foram sendo misturados os estrangeiros, como Hércules e os Dióscoros; mais tarde ainda, foram os imperadores romanos. Cinquenta e cinco dias antes dos Mistérios não era permitido nenhum combate na Grécia inteira. Quem era admitido nos Pequenos Mistérios adquiria o grau de “teleté” (aquele que chegou ao fim). Em Atenas, os candidatos eram iniciados nos Grandes Mistérios. No começo, eles eram “mystes” e depois “éoptès” palavra que significava que eles tinham acesso efetivo à contemplação do divino. Para os gregos, estas manifestações se revestiam de uma grande importância, tanto para sua vida terrena como para sua vida no além. Em 395 d. C., os godos puseram um fim à celebração pública desses Mistérios que, no entanto, subsistiram secretamente até o século VIII.

NO CAMINHO DO SACERDÓCIO REAL

A mitologia grega sempre descreveu a queda do homem na matéria e o desenvolvimento do eu autônomo como uma luta contra o pai. Édipo é o filho de Laios — “aquele que não é um sacerdote”: o “laico”, de acordo com o significado original desta palavra. É por isso que se dizia que Laios não tinha o poder criador. Esta imperfeição não lhe dava paz e ele foi pedir conselho ao oráculo de Delfos. Lá, ele ouviu que sua impotência era, na realidade, uma bênção, porque se ele tivesse um filho, este o mataria e depois se casaria com sua própria mãe.

Existem numerosas versões desta narrativa e um número maior ainda de interpretações. Neste artigo, nos limitaremos aos aspectos que se relacionam com o mistério da vida humana. Laios não se curva à advertência dos deuses e gera um filho, que ele abandona em uma montanha, com os pés trespassados por flechas e inchados. Ele é encontrado por pastores que o levam até Políbio, rei de Corinto, que o adota, com reconhecimento, por não ter filhos. Os ferimentos dos pés da criança fazem com que seu nome seja Édipo, que significa: “aquele que tem os pés inchados”.

Foi assim que Édipo nasceu: contra o conselho dos deuses. Por causa disto, ele representa o ser que perdeu a ligação com a ordem divina e, conseqüentemente, deve seguir seu próprio caminho. Tirado de sua mãe e impedido de fugir, por ter os pés feridos, ele

é entregue às forças da natureza, perdido e marcado por seu trágico abandono. Mas é claro que o Criador que ele rejeitou sempre o estará dirigindo. Os deuses conduzem Édipo até o caminho que lhe fará encontrar novamente sua pátria, embora sua teimosia em seguir sua vontade pessoal faça com que ele passe por duras experiências.

Este ato podia ser justificado?

O casal real de Corinto, que era o centro dos Mistérios de Afrodite, adotou Édipo. Mas alguém observou que ele não se parecia em nada com seus pais — e ele ficou profundamente sentido com isto. Em sua inquietude, ele vai a Delfos para perguntar ao oráculo quem é ele. Em Delfos, ele fica sabendo que matará seu pai e se casará com sua mãe. Assim, ele decide não voltar para casa e começa a correr mundo. Um dia, atravessando uma passagem estreita, um estrangeiro dificulta seu caminho e ele fica furioso com isto. Ele mata este homem e a predição se cumpre: sem querer, ele assassinou seu próprio pai. Ele não sabia que era seu pai que estava impedindo sua passagem: ele não poderia saber. Mas será que este ato poderia ser justificado por isto?

O que está errado é o seu pensamento, assim como seus esforços para fugir da profecia dos deuses. Ele não tem nem capacidade nem vontade para perceber que a profecia tinha como objetivo único fazer com que ele visse seu destino: o destino que diz



A Esfinge pára Édipo e lhe faz sua pergunta (Gustave Moreau, 1861, Museu Gustave Moreau, em Paris).

respeito à humanidade inteira. Por falta de compreensão e de conhecimento, Édipo continua o desenvolvimento já iniciado desde a origem dos tempos. Da mesma forma que seu pai, ele se fechou para a verdade, pois não pôde suportá-la e aceitá-la. Ele também não aceita, como seu pai, sua falta de poder criador. Entretanto, ele não quer ser o assassino de seu pai, nem se casar com sua mãe: ele deseja ser um homem honesto e poupar seus pais.

De fato, ele se conhece de forma muito imperfeita e não tem nenhuma idéia do processo no decorrer do qual o ego, que está separado de seu Criador, deve anular-se. O destino, que ele queria descartar agindo aparentemente bem, toma agora um novo rumo, mais trágico ainda. A bondade, sobre a qual o ser humano faz uma imagem imperfeita, sempre está gerando um caos que vai crescendo cada vez mais: então, é preciso que ele mesmo determine o que é bem e o que é mal. Mas, como não pode se livrar de repente nem de um nem de outro, quando o resultado de seus atos são situações desastrosas, ele sempre suspira: *“Eu não queria fazer isto!”*.

O protetor da alma

O bem aparente que Édipo pretende seguir tem dois aspectos. Às portas de Tebas, a Esfinge propõe a ele uma pergunta em forma de enigma. Por um lado, a Esfinge é o símbolo do protetor da alma; por outro, os habitantes da cidade sentem que ela é um perigo. No destino

de Édipo, ele toma certos traços de Nêmesis, que é a justiça vingadora. Mas este é também um aspecto do átomo-centelha-do-espírito, que é a voz da sabedoria original.

Depois de Laios ter sido assassinado, Tebas espera por um novo rei, que será o esposo da rainha Jocasta. O conceito de “rei” remete à idéia de governo e direção. A partir deste ponto de vista, o novo rei pode ser considerado como a nova consciência. Mas que tipo de consciência? Será que ela é tão cristalizada quanto o eu, ou será aberta para o verdadeiro bem?

O ponto mais baixo do desenvolvimento humano

Édipo somente poderá resolver a pergunta enigmática da Esfinge a partir de sua consciência e de suas normas terrestres. Ora, não é ele próprio o homem abandonado que, quando era um bebê, andava de quatro; depois se levantou para crescer como “homo sapiens” e que, em sua velhice, precisará de uma bengala para andar? Ele dá a resposta que liberta Tebas do poder da Esfinge: então, ele se torna o rei de Tebas e se casa com Jocasta, sua mãe. Assim, seu destino se cumpriu. Levando uma vida que o vai afastando cada vez mais de sua origem divina, ele se liga totalmente à matéria, aqui designada como “sua mãe”. Desta maneira, ele se aproxima do ponto mais baixo de seu desenvolvimento. Ele conquista o cetro de Tebas e acha que é o homem mais feliz e mais humano de toda a cidade.

É neste momento que o contraste entre a aparência e a realidade fica maior. Édipo e Jocasta têm quatro filhos e Tebas vive um período de prosperidade. Mas, depois de alguns anos, acontece uma epidemia de peste. Segundo o oráculo, o assassino de Laios deverá ser procurado e punido. Édipo faz o que pode e oferece inúmeros sacrifícios, em vão. Tentando descobrir a causa disto tudo, ele segue os conselhos do oráculo de Delfos e convoca o adivinho cego Tirésias. Então, começa uma longa e penosa série de mal-entendidos, de cóleras e de falsas acusações. Édipo aprende a conhecer-se a si mesmo e a verdade vai-se esboçando pouco a pouco. Ele não tem medo da verdade. No entanto, ele não quer acreditar que é o assassino de seu pai, antes de ouvir um escravo que foi testemunha do assassinato de Laios.

A consciência divina não é exterior ao homem: ela está dentro

Segundo a mitologia grega, Apolo enviou a esfinge até as portas de Tebas para ali fazer a seguinte pergunta, a todos que passavam: “Qual é a criatura que se movimenta de manhã com quatro patas, ao meio-dia com duas e à noite com três? Quem não sabia responder, era devorado. Édipo deu a resposta certa: “O homem!”. A Esfinge atirou-se no abismo e Édipo tornou-se o rei de Tebas.

de seu coração

Neste momento terrível, ele é atingido como que por um clarão. Quanto a Jocasta, não há possibilidade de vida para ela: ela se enforca. Então, Édipo intervém pela última vez no curso de seu destino: ele pega o broche que está espetado na roupa de sua mãe e fura os próprios olhos. Ele já não quer ver, já não quer o poder, e se mutila a si mesmo.

Assim, sem ter consciência disto, ele se encontra diante do grande mistério da humanidade: o homem terrestre está mutilado, é uma marionete, uma criatura artificial. Ele é cego, foi cegado, separado da Luz divina e fica rodando em falso, perdido nas trevas. Aí está a verdade: e, diante desta verdade, ele se fecha.

Ele precisa de apoio para encontrar o caminho certo. Entretanto, ele não quer e nem pode ainda receber esta ajuda. Apesar disso, como ele aprende a renunciar a sua teimosia e a sua própria sabedoria, ele vai-se transformando lentamente em um homem verdadeiro que se tornou cego para o mundo, mas que aprendeu a ver em seu ser interior. Ele já não ouve a voz divina como se viesse do exterior, através de um oráculo, mas como um chamado que ressoa no mais profundo de seu ser.

A nova alma conhece o caminho de sua pátria

Édipo já não firma nenhum compromisso com ninguém. Ele deixa que seus filhos o expulsem da cidade e começa sua viagem, que é a caminhada miste-

riosa do homem rejeitado pelo mundo das oposições. Antígona, sua filha, partilha seu banimento e o conduz em seu caminho. Ela é “sua terceira perna”, a nova alma que conhece o caminho que leva à verdadeira pátria. Neste caminho, Édipo voltou-se e seguiu o verdadeiro bem de acordo com as palavras do Novo Testamento: “Que seja feita a tua vontade e não a minha”.

Assim, ele chega a Colonos. Seu bastão já não é o cetro da realeza exterior, mas o caduceu de Hermes, o cetro do sacerdócio da realeza interior. Colonos é a colina funerária do bosque sagrado dos erineus. Para Édipo, é o lugar onde ele será libertado de sua antiga vida. Ele aceitou seu destino. As deusas vingadoras que se opunham a ele estão bem dispostas com relação a isto. Elas o conduzem até o bosque proibido, que se tornou para ele o bosque sagrado, onde, depois de depor seu corpo material, ele poderá prosseguir no caminho da transformação total: o caminho que o reconduzirá até sua origem divina.

PODEMOS FIXAR A ETERNIDADE NO TEMPO?

Ao contrário das grandes epopéias dos heróis gregos, o mito de Narciso mais parece um belo conto. Seu tema é sempre atual. Narciso é o ser que se perde em si mesmo. Sua história relata a tentativa de fixar a eternidade no tempo. Este é um desejo que sempre tentamos realizar hoje, também de uma forma inconsciente. No livro “Retrato de Dorian Gray”, o escritor irlandês Oscar Wilde (1856-1900) descreve de um modo muito atraente a glorificação de um homem por si mesmo. Dorian Gray é um jovem particularmente belo: seu rosto irradia uma beleza ainda intacta e o pintor Basil Hayward fica fascinado por isto. Para ele, a beleza é prova de virtude, e ele acredita ter encontrado em Dorian o modelo de pintura ideal que havia buscado há muito tempo.

Enquanto ele trabalha neste retrato em tamanho natural, lord Henry Wotton vem lhe fazer uma visita. Este sustenta o princípio epicuriano⁽¹⁾ de que o prazer é a origem e a finalidade de uma vida feliz. Em sua opinião, o puro prazer somente pode ser atingido por meio da beleza e da juventude. Como Lord Henry vê estes dois aspectos reunidos em Dorian, ele lhe fala sobre este assunto com a finalidade de provar sua tese. Ele explica que o significado da existência é satisfazer cada sentimento e cada pensamento. Enquanto não fizermos isto, sempre estará faltando alguma

coisa a nossa alma. O que conta neste mundo é o que pode ser visto e realizado. As pessoas se inclinam diante da magnificência da beleza e da juventude. Além disso, o momento é decisivo.

Antes desta conversa, somente a bondade da natureza havia provocado em Dorian sentimentos muito divergentes. Mas agora as palavras de Wotton abrem dentro dele uma porta secreta e despertam algo novo em sua consciência: “Eu daria tudo, daria até minha alma, se pudesse ficar jovem para sempre e se meu retrato pudesse envelhecer em meu lugar!”, exclama ele depois que o pintor termina seu retrato e ele observa sua beleza pela primeira vez. “Aí está o seu trabalho, Henry!” , diz o pintor, consternado. “Mas é o verdadeiro Dorian Gray, nada mais do que isso”, responde lord Wotton.

A sugestão de miríades de sentimentos

Dorian Gray fica influenciado por lord Henry. Quer saber mais a respeito disso e amainar sua sede de verdade. Compreende como o homem é complexo com suas miríades de sugestões que chegam a partir de sentimentos e forças vitais. Marcado desde o início por doenças da alma de todos os seus antecessores no microcosmo, ele também carrega seus pensamentos e paixões. “Será que isto nunca vai ter cura?” pergunta ele, desesperado. Lord Henry responde: “A alma deve ser curada pelos sentidos”.

Dorian Gray segue seus conselhos.

Narciso era um jovem extremamente belo, filho do deus de um rio e de uma ninfa. De acordo com uma profecia, ele iria viver até ficar bem velho: mas com a condição de não contemplar a si mesmo. Todos os que se encontravam com ele o amavam, mas isto não fazia diferença para ele. Foi o que aconteceu com a ninfa dos bosques, chamada Eco, que sentia por ele um amor ardente, apaixonado. Ela já estava definhando de amor e podia-se ouvir sua voz ao longe, que se repetia infinitamente. Nêmesis, a deusa da justiça vingadora, decretou, então, que Narciso passaria um dia pela sorte de todos os que ele tinha rejeitado. Então, Narciso se inclinou sobre as águas de uma fonte, e viu seu reflexo, sem se reconhecer. E, dominado pela beleza desta imagem, desejou ardentemente unir-se a ela. A partir deste momento, foi impossível para ele afastar-se de seu próprio reflexo e sua força vital dissipou-se: ele morreu e, no lugar de seu corpo, floresceu a flor chamada narciso.

Quanto mais ele olha seu retrato, mais se apaixona por sua própria beleza. Enganado pelos argumentos de Lord Henry, que agem dentro dele como um veneno invisível, ele seduz a todos os que dele se aproximam. Ele somente quer satisfazer seus desejos: assim, vai provocando nestas pessoas sofrimento, amargura, ódio, dor, desespero e até a morte.

Mas um dia ele descobre que algo mudou em seu retrato. Um traço de crueldade marca seu rosto como a expressão visível do rebaixamento de sua alma, por causa do pecado. O que ele ganhou, às custas de sua própria alma, por ter pronunciado o desejo

orgulhoso e louco de conservar intacto o brilho de sua beleza, enquanto somente seu retrato envelhecia? Este desejo vai sendo satisfeito de uma maneira terrível. Seu retrato vai envelhecendo enquanto ele continua jovem; mas não é somente isto que acontece: sua imoralidade e os atos que dela decorrem vão-se refletindo neste retrato de modo repugnante. “A alma é uma realidade inexorável. Podemos vendê-la, livrar-nos dela por um preço alto, envenená-la, ou melhorá-la”, reconhece ele.

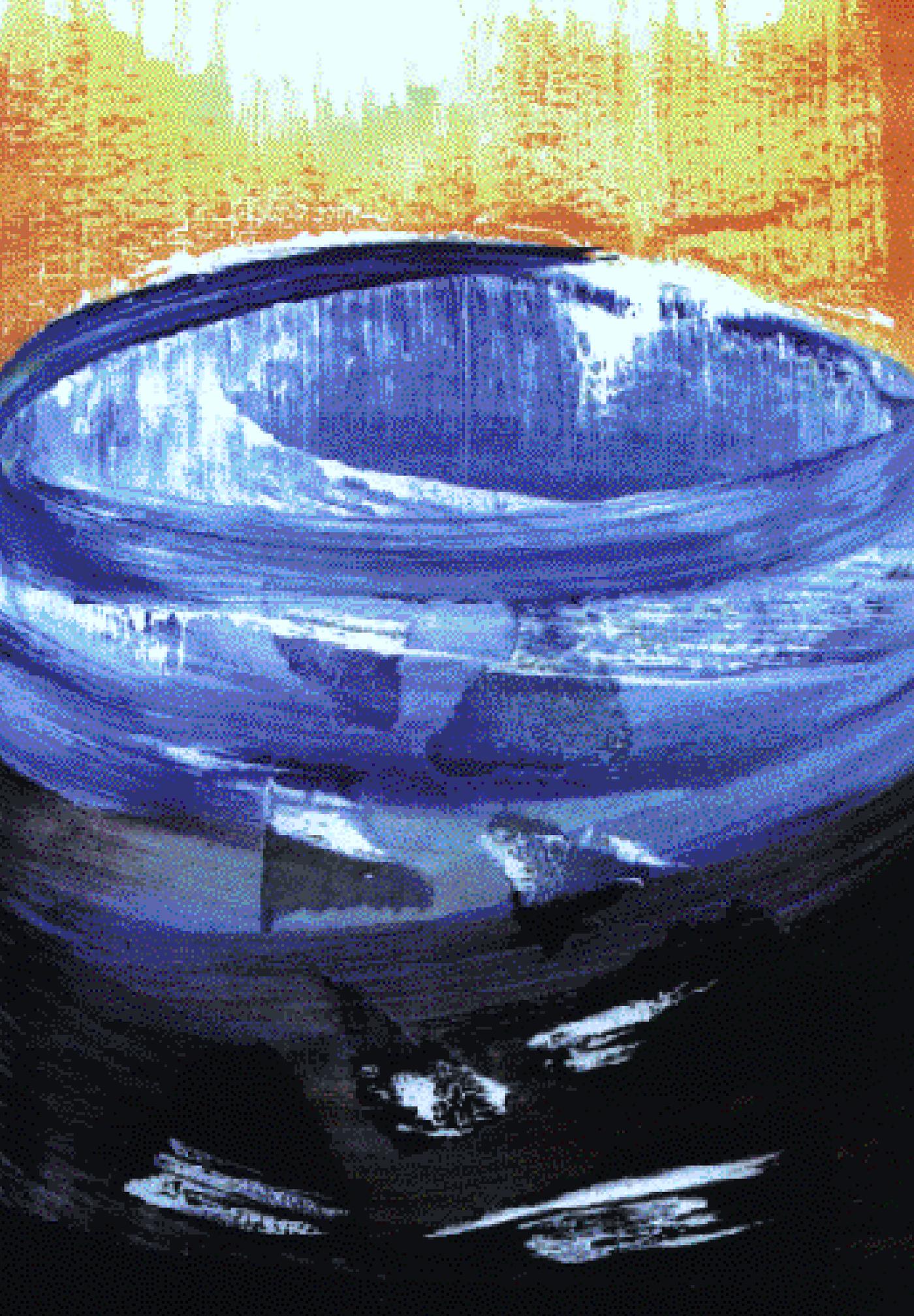
Uma mudança de comportamento fictícia

Um desejo ardente vai tomando conta dele: o desejo de ter a pureza de sua juventude. Mas não foi ele quem rejeitou este desejo há tanto tempo? A frieza de seu cérebro não cristalizou seu coração?

Dorian Gray fecha o retrato em um quarto isolado e tranca a porta com firmeza. Mas a simples idéia de que ele existe já o deixa inquieto. Ele quer mudar, tornar-se um homem de bem. Aí está sua firme decisão. Ele muda de comportamento e deixa uma jovem ir embora sem abusar dela. Em seguida, ele volta ao quarto, para examinar o retrato. Não há nenhuma transformação positiva: ele percebe apenas uma expressão de abatimento e de hipocrisia. Sua mudança de comportamento era fictícia!

E agora, o que ele deve fazer? Deve pagar por seus atos? Destruir o retrato? Esta não seria a solução mais simples? Será que, fazendo isto, vai ficar em paz? Então, ele pega uma faca e crava-a na tela: ouve-se um grito que ressoa como se alguém estivesse em perigo mortal! Os empregados acordam sobressaltados e correm para o quarto. Na parede, está pendurado um retrato de tamanho natural de seu patrão em toda a beleza

Narciso quebra o espelho da Luz. Todos os seres trazem uma centelha da luz original no coração (ilustração Pentagrama).



Oscar Wilde nasceu em Dublin, a 16 de outubro de 1854, e morreu em Paris, em 1900. Escreveu numerosos poemas, uma série de contos para seus filhos, algumas novelas e ensaios, quatro peças de teatro e somente um romance: O retrato de Dorian Gray (1891), uma história imoral, de acordo com muitos críticos de sua época. Wilde foi um autor muito contestado na Era Vitoriana, com seus princípios rígidos.

de sua juventude. No chão, jaz um velho: os anéis em seus dedos crispados mostram que é Dorian Gray.

Um homem profundamente educado e refinado

A história de Dorian Gray parece ser tão fantasiosa quanto a de Narciso. Mas os episódios estariam longe da realidade? Podemos considerar o retrato como uma projeção do corpo astral, que todas as pessoas possuem e onde se expressa sua mentalidade. Podemos dizer que o corpo astral tem a mesma forma que o corpo físico, pois, como os átomos da substância original são extremamente plásticos, eles se modelam diretamente sobre as forças que os colocam em movimento. (2) Portanto, cada pessoa traz em si a imagem exata de seus pensamentos, sentimentos e atos: sua vida seria como a de um homem profundamente educado e refinado. O que internamente faz um homem agir pode ser lido em seu corpo astral.

Para o pintor, a beleza é a prova da virtude. Mas quanta ilusão! E quanta tristeza, quando se descobre que a beleza terrestre (que não é a expressão de uma alma animada pelo bem)

vai-se transformando irrevogavelmente em seu contrário! Quando o homem se esqueceu de Deus, começou a adorar a beleza vã, exterior. Esta imitação de homem original tem como norma a cultura dos sentidos e não pára de dançar, encantado, ao redor de seu “eu” dourado e adorado. Para esconder seu vazio interior, Narciso reveste sua nudez em um manto de modernidade e se dissimula por detrás de uma máscara para falsificar sua imagem refletida.

Como apagar os erros?

Como a alma é a portadora do homem divino original, ela está sempre tentando demolir a barreira do amor narcísico que aprisiona sua consciência. Para isto, ela vai semeando a inquietude. E, para neutralizar as tensões magnéticas que assim vão sendo provocadas, o ser humano vai tentando apagar seus erros. Mas, neste conflito interior, ao invés de tentar tirar a máscara e se arrepender, ele tenta se safar à custa dos outros.

Dorian Gray quer jogar a responsabilidade no pintor, mas isto não é uma grande solução. Ele quer se arrepender, mas a glorificação pessoal é forte demais. Enquanto antigamente o divino se refletia no ser humano, hoje é o homem quem criou um deus à sua imagem. Em uma fase de profunda depressão, Dorian pensa que tudo teria sido melhor para ele se, cada vez que tivesse pecado, ele tivesse sido punido em seguida! “*A purificação está na punição. Não nos perdoes nossos pecados, mas dá-nos a punição para nossas más ações*”. *Esta deveria ser nossa prece a um Deus de justiça!*”

A Doutrina Universal diz que não é Deus quem exerce a justiça, mas sim Nêmesis: ela é o limite que o próprio homem dá para suas possibilidades. Como está ligado à roda das encarna-

ções, ele vai recolhendo o que semeia, tanto de mal quanto de bem. *“É a desobediência que está na origem de todos os pecados. Quando Lúcifer (o espírito superior, a estrela radiante da manhã) caiu do céu, sua queda foi a queda de um rebelde”*, diz Dorian Gray, o que explica sua pergunta desesperada: *“Podemos ser salvos?”*. Sim, na verdade podemos: com a condição de rejeitar nosso “eu” narcísico.

O mito relata que, em lugar do corpo de Narciso, consumido pelo amor próprio, começou a florescer uma flor, um narciso com pétalas que formavam uma copa: como o cálice do Graal. Este é o símbolo do ser humano que foi chamado a voltar-se para a luz para apagar sua condenação.

Consciente de seu aprisionamento, o homem se volta para a luz (ilustração Pentagrama).

1 Epicuro, um filósofo grego (341-270 a.C.).

2 Jan van Rijckenborgh, *As Nupcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, Tomo I, capítulo 26, página 267, 1ª edição, 1993, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.



ULISSES, OU UMA VIAGEM DE RECONHECIMENTO DENTRO DE SI MESMO

A mitologia grega pinta Ulisses como o mais humano dos heróis. Suas aventuras de navegação em busca de Ítaca corresponde ao desejo inconsciente de reencontrar a pátria perdida.

Podemos considerar a *Odisséia* como o processo no decorrer do qual a *alma terrestre evolui, adquirindo experiência na natureza dialética decaída. As informações mais importantes sobre este herói são dadas na Ilíada*, epopéia sobre a tomada de Tróia, e na *Odisséia*, que relata as aventuras de Ulisses. Estas duas narrativas épicas são provavelmente de autoria de Homero, poeta que viveu no século VIII a.C..

A *Ilíada* se desenrola sob o selo da “ira santa”. O poema conta o último ano da guerra de Tróia, quando dominam os sentimentos de vingança, honra e amizade. O astucioso Ulisses constrói um cavalo de madeira dentro do qual ele esconde seus guerreiros, e assim faz com que eles entrem dentro dos muros da cidade de Tróia. No final desta guerra, ele volta para Ítaca, que é a sua pátria.

É então que começa a *Odisséia*. Este poema é escrito em grande parte na primeira pessoa. Em 24 cantos, Homero conta como Ulisses e seus amigos vagueiam no mar durante 10 anos e quais foram os perigos que eles tiveram de enfrentar bravamente até chegar a Ítaca. O tema é sempre o desejo, a nostalgia, a fidelidade e a conquista daquilo que está correndo o risco de ser perdido.

Podemos considerar a *Odisséia* como “o primeiro romance da antigüidade

grega”. Quem se apresenta ao leitor é um homem marcado por duras provas exteriores e pelo sofrimento interior. Impulsionado pelo fogo sagrado, ele tenta reparar os desgastes causados durante sua ausência. Com uma paciência infinita, ele vai percebendo a integridade de todos os participantes deste drama. A riqueza de seus sentimentos e seu poder de suportar e de apreender as infelicidades acabam fazendo dele um indivíduo completamente autônomo. Portanto, a *Odisséia* é a descrição da fase em que a consciência ainda impessoal se transforma em uma consciência individual, que nasce graças ao desenvolvimento do poder mental.

O fruto da temeridade, da vingança e da fúria

Segundo a mitologia, Ulisses é filho de Laerte, rei de Ítaca. É um bastardo, fruto da temeridade, da vingança e da fúria. Seu nome significa “furioso” ou “detestado”. Ele é descrito como um homem de cabelos ruivos, um combatente que se inflama rapidamente e, conseqüentemente, como um político bastante pusilânime. Conforme diz a narrativa, seu caráter e seu comportamento o colocam muitas vezes em conflito com o aspecto terrestre do mundo.

Exatamente como Caim, ele traz em si uma marca que sempre o identifica. É um ferimento feito por um javali. Ele tem muitos inimigos, mas também tem uma poderosa protetora: a deusa Atenas, símbolo da inteligência, que saiu diretamente do cérebro de Zeus, logo depois que este levou uma martelada de



Efaístos. No Olimpo, ela roga que todos tenham compaixão de Ulisses, seu herói que tem uma vida tão trágica: *“Tenho o coração despedaçado por causa do sábio herói Ulisses”* (Canto 1:48).

Ulisses vai combatendo no oceano da vida. O deus do mar, Posêidon (Netuno), tenta arrastá-lo para os abismos obscuros, enquanto que Atenas, a inteligência, o conduz para as alturas luminosas da compreensão.

Seu objetivo é retornar à pátria original e restabelecer a unidade entre o homem mortal, a Alma e o Espírito (Ulisses-Penélope-Laerte). Para chegar lá, ele deve passar por muitas experiências: ele deve aprender a conhecer a si mesmo. Na câmara do tesouro (que é o microcosmo), é preciso que ele acumule as experiências da vida: a luta e a morte, antes de poder renunciar a suas riquezas para conquistar a Alma e, em seguida, receber o Espírito. Ulisses luta apaixonadamente. Ele é engenhoso e paciente quando os Lotófagos querem fazê-lo cair em uma cilada, usando flores de lótus que têm poder anestésico. Com o auxílio da nova inteligência (Atenas) ele é capaz de enfrentar bravamente e até vencer as forças primordiais da natureza da morte: os Cíclopes, Caribde e Cila, e também Hades. Ele mostra coragem e tenacidade quando a natureza tenta seduzi-lo com os cantos

melodiosos das Sirenes e com a juventude eterna de Calipso. Ele adquire experiência e torna-se consciente de sua própria natureza (Nausica).

A alienação do homem-eu

No momento em que ele se torna consciente de que Nausica é uma companheira segura, ele adquire o autoconhecimento. *“Eu sou Ulisses”*, diz ele. Esta experiência permite que ele tenha uma imagem pura de sua alma original, que surge na pessoa de Penélope. Finalmente, ele orienta todos os seus esforços visando unir-se novamente a ela. Sua finalidade, que é o retorno a Ítaca, coloca-o claramente diante do Espírito.

A autoconsciência desloca sua luta para um outro plano. Quando — dormindo — ele consegue chegar a Ítaca, seu coração está cego para aquilo que diz respeito a sua pátria original. *“Ele já não a reconhecia; isto também porque uma divindade havia espalhado a bruma ao seu redor”* (Canto 13:189). De volta a seu palácio, ele acaba com os apaixonados e parasitas que, durante vinte anos assediavam sua esposa: esta soube muito bem afastá-los por meio de uma artimanha. Estes parasitas podem simbolizar

O vento Boreal persegue Ulisses (Ashmolean Museum, em Oxford).



Ulisses embarca (afresco de Alessandro Allori Bronzino, 1580, palácio Salviatti, em Florença).

os grandes imitadores que violam sua casa, que é o microcosmo.

Apesar de ter conseguido afastar seus pretendentes, Penélope sente que seu próprio esposo vai-se tornando um estrangeiro para ela. Ela não confia nele e o desafia a provar que é realmente o verdadeiro Ulisses. Mas somente ele sabe o segredo da cama de madeira que um dia havia sido feita por ele, a partir de uma oliveira centenária.

A descrição da cama e do espaço ao seu redor faz pensar em uma representação simbólica do santuário da bacia, que é base da coluna vertebral. *“Nenhum homem mortal pode deslocar este leito*

com facilidade, pois a arte de sua fabricação comporta um segredo especial e característico” (Canto 23:187).

Quando Ulisses consegue dar a prova de sua identidade, acontece a tão esperada união com Penélope: mas esta união acontece somente uma noite. A paz duradoura, que ele tanto busca não lhe pertence: as forças que despertam de seu eu e de sua compreensão não são suficientes para tanto. É necessário um terceiro elemento: o amor, que aflui quando ele reconhece o caminho que deve seguir.

Viajando no oceano das forças opostas

Durante sua viagem, Ulisses lutou com sucesso contra as potestades que queriam fazê-lo naufragar no reino de Posêidon. Com isto, ele atinge um estágio superior no desenvolvimento de sua consciência, de sua transformação interior e, finalmente, de sua regeneração. Este processo somente pode ser seguido quando o ser triunfa sobre sua natureza inferior.

Todos os candidatos que estão a caminho da revelação dos mistérios microcósmicos encontram os mesmos perigos que Ulisses encontrou no oceano da vida. Depois de cada vitória sobre os aspectos inferiores, abre-se diante dele uma porta que dá para uma espiral superior. No entanto, ele sempre está correndo o risco de afogar-se no meio das possibilidades e dos problemas que vai encontrando no oceano da vida, e assim poderá se perder em um mundo de sonho.

Ele mergulha nas riquezas infinitas, mas este sonho bem-aventurado o mantém afastado de sua tarefa, de seu cosmo, de sua missão criadora. É assim que a esfera de influência de Netuno (Posêidon) muitas vezes provoca no homem da natureza este deslizar sonhador no abstrato, este “falso desligamento” de tudo. Conseqüentemente, o jovem iniciado de Netuno terá, logo de início, de sustentar uma luta (Jan van Rijckenborgh, *Dei Gloria Intacta*, 2ª. edição, 1982, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil).

O fim das experiências no oceano da vida

O egocentrismo impede Ulisses de continuar em sua pátria original. Da mesma forma que Parsifal, que ainda não conhece a compaixão, ele é man-

dado de volta para o mundo para vivenciar experiências mais amplas. Os poderes com os quais ele havia vencido a natureza pertencem a esta natureza. O eu e a inteligência são mortais como a natureza de onde eles provêm. Assim, ele perde tudo o que acreditava ter ganho em sua luta: sua esposa, seu filho, seu pai, seu reino, seu poder, e a paz que ele tanto buscava.

Como a maioria dos heróis gregos, Ulisses é um personagem trágico. No final, a morte vem a seu encontro. A profecia de Tirésias era exata: como havia acabado com os pretendentes de sua esposa, ele foi banido por 10 anos. Então, ele deixa Ítaca e viaja para o interior do país levando o leme de seu navio sobre os ombros, mostrando que já havia vencido o oceano da vida. Assim, ele se põe a vagar e, depois de um ano, encontra alguns homens que não conhecem o mar e que, portanto, acham que o leme é um instrumento de flagelo: eles ainda não estão conscientes de suas almas naturais. Chegando a este ponto, Ulisses oferece um sacrifício a Posêidon e este perdoa suas ações.

Realmente, esta senda de penitência e de oferenda parece não corresponder em nada aos acontecimentos anteriores. De um lado, parece agora que Ulisses já percorreu e reconheceu o reino de Posêidon, mas que ele ainda não conseguiu triunfar sobre seus elementos essenciais: por isso, o velho deus continua a exigir seu tributo. Mas por outro lado, também há em sua humilde oferenda um lampejo de esperança “*para estes homens que não conhecem o mar*”. Para eles, Ulisses construiu um templo dedicado a Posêidon, e assim ele coloca as bases do processo de desenvolvimento da consciência destes homens. Ele oferece o leme, que é o bastão da inteligência, a todos os que ainda não estão vendo nenhuma chance de escapar à semi-obscuridade da consciência mítica.



ÍCARO: A ELEVAÇÃO PARA A LUZ

São inúmeras as imagens arcaicas que estão inscritas no inconsciente. Ora, como o subconsciente sempre está alimentando a maior parte da vida do homem atual, estas imagens — que geralmente são simbólicas e surgem superficialmente sob muitas formas na vida cotidiana — foram sendo traduzidas muitas vezes de acordo com os mesmos conceitos há séculos. No entanto, é impossível interpretá-las de outra forma. Podemos ver como isto acontece a partir deste relato das tentativas e experiências de Ícaro, que por sinal é bem pouco comum.

As aventuras de Ícaro, filho de Dédalo, agradam porque parecem tratar do antigo desejo de voar. Mas será que elas não traduzem mais do que isto, uma verdade eterna? Será que elas não ilustram o caminho que nos daria a chance de libertação da natureza terrestre? Um caminho que sempre é indicado, apesar de ser mostrado sob formas completamente diferentes?

Aqueles que buscam a verdade e que lêem a história de Ícaro, encontram o reflexo e a confirmação de suas próprias experiências, principalmente na primeira parte, enquanto que a segunda parte oferece uma perspectiva completamente diferente. Aí é mostrado o caminho de libertação em um plano superior: o caminho que deve ser percorrido pelo próprio buscador, e que sua consciência vai descobrindo de modo mais preciso à medida que ele vai vivenciando suas

experiências.

Diz-se que a aspiração pela liberdade é inata no ser humano. Os impulsos incessantes que o impulsionam a buscar a liberdade seriam provenientes da reminiscência da vida original e divina. É verdade. O personagem Ícaro, na mitologia grega, é o próprio símbolo desta aspiração inextinguível, irreprimível, de liberdade absoluta. Ícaro não se permitia desviar nem parar e escolheu a morte enquanto subia em direção ao sol.

Dédalo prepara a libertação

Somente o ser que é tocado pelo chamado divino (que sabe por experiência própria que jamais atingirá o absoluto a partir de seu estado de ser atual, e que aquilo que é imperfeito e mortal somente conseguirá chegar ao absoluto por um processo de transformação) poderá comparar suas experiências às experiências de Dédalo. Este último é o construtor, a personalidade que deve realizar o processo de preparação a fim de permitir a libertação de Ícaro. As aventuras de Dédalo mostram que aquele que busca tem de possuir a imagem do divino. Esta imagem é seu fio de Ariadne. Esta imagem não lhe dá descanso: ela o fica cutucando para que ele responda ao divino que está dentro dele com seus poderes dialéticos. As múltiplas invenções de Dédalo são a prova de seu esforço para encontrar uma resposta.

No início do caminho libertador, a personalidade dirigida pelo “eu” ainda é um obstáculo para a alma. Este “eu” nasceu de uma interação não adequada entre o microcosmo degenerado e a personali-

O homem liber-
to se eleva no
labirinto da
purificação
(ilustração
Pentagrama).

dade em desenvolvimento. Para reconhecer esta situação interior, é preciso que a personalidade viva muitas experiências. No decorrer das múltiplas encarnações, a consciência vai crescendo até o estado do “jovem rico”, que é dotado de muito talento e poderes.

A pessoa de Dédalo é o resultado de um processo como este. Ele é o homem inventivo e hábil, que sempre encontra novas soluções para seus problemas. Mas como não é sempre que estas soluções apresentam um resultado final e conclusivo, ele também tem decepções. Assim ele vai percebendo a impiedade de seu caráter e vai duvidando cada vez mais de que possa existir outra coisa além disso. Mas, assim como o “jovem rico”, foi preciso que ele vendesse seus poderes para atingir o “Outro completamente diferente”. Quem já não sentiu que isto é algo que está longe de ser fácil? O “eu”, que é sustentado por um ser aural muito refinado, não se deixa destronar tão facilmente.

Abalar os alicerces do “eu”

O início do processo interior de purificação necessita de uma intervenção radical no ser interior. Segundo a história, Dédalo comete um assassinato: ele faz com que seu aluno favorito caia de um rochedo porque sua habilidade poderia ultrapassar a sua. Perseguido pela justiça de Atenas, ele é condenado a ser banido.

Isto ilustra as experiências de quem está buscando a verdade. Quem abala as bases de suas capacidades dialéticas é banido pelo mundo. Quem se liberta das circunstâncias gerais (porque sente que a ilusão da matéria faz com que se ligue demais a elas e isto constitui um obstáculo) está abalando os próprios alicerces de seu “eu”. Este ser humano já não consegue se adaptar às normas estabelecidas pela sociedade: então, é expulso.

Dédalo parte para Creta e é recebido

na corte do rei Minos. Da mesma forma, aquele que busca a verdade se refugia em um local protegido para orientar sua busca e para colocar ordem em seus pensamentos e sentimentos. Na palavra grega “*kratéia*” (Creta) existe o conceito de força divina acolhedora e reveladora. Quem encontra “Creta” ainda não está liberto, mas já deu um grande passo: rompeu com todos os seus laços com a antiga terra, que o alimentava.

Assim começa uma outra fase: é preciso levar uma nova vida. É em Creta (ou seja, banhando-se em um novo corpo vital) que Dédalo segue o caminho da purificação interior. Ele vai descobrindo aos poucos até que ponto está ligado carmicamente ao processo do cosmo e do macrocosmo. Ele aprende a ver como romper com seus entraves, o que exige toda a sua atenção, sua criatividade e seu devotamento. É assim que ele fabrica para a rainha de Creta uma vaca de madeira para criar uma armadilha contra o Minotauro. Como o rei Minos havia pedido insistentemente, ele constrói rapidamente um labirinto para capturar o monstro que era metade homem metade touro e aterrorizava os habitantes da ilha. Nesta prisão, o Minotauro era alimentado com virgens e homens jovens — terrível detalhe que criou muitas fantasias sangrentas. Mas, por detrás de tudo isto, talvez haja muito mais.

Desejando a fonte de luz

Minos, que representa o Espírito, está ligado ao touro, que é o símbolo da humanidade terrestre da era de Touro. O princípio de luz está depositado no coração humano. Este dom pode fazer nascer uma nova alma e permitir ao homem que ele consiga se dar conta de sua situação. O resultado é um grande desejo de conhecer a fonte de onde provém esta luz, mas o homem também sente o poder dos laços que ligam sua personalidade ao passado.

A energia vital geralmente é mal utilizada por causa do desejo de cura e da falta da verdadeira compreensão. A pessoa que está em busca da verdade tenta acelerar o processo de libertação interior. O ser aural sugere que o “eu” também siga o caminho da Luz e lhe fala baixinho que ele já está até bem adiantado neste caminho! Dédalo (e com ele o buscador do passado e do presente) descobre que isto é uma ilusão. E mesmo depois de ter reconhecido a cegueira do “eu” e depois de ter afastado conscientemente este fator enganoso, ainda é possível que ele se engane e caia em uma nova armadilha. A alma tem prazer em sentir a luz do sol, que ela recebe do novo campo vital, representado por Creta. Em uma situação tão “ensolarada”, o buscador trata seu próximo com muito amor e evita os confrontos. Ele vai reprimindo todos os seus traços de caráter inatos, comparando-os à imagem que tem do homem liberto. Como ele acha que já está no caminho da libertação, seu “eu” sempre está caindo na armadilha dos impulsos do ser aural. Para se libertar interiormente, não basta mudar seus sentimentos e impulsos: a exigência é a entrega total do “eu”.

Nesta fase, misturar novamente as forças dos dois campos de vida somente reforça ilusoriamente a ligação entre espírito e matéria: o resultado é miséria e sofrimento. As narrativas mitológicas que falam do Minotauro e da construção do labirinto provam que os místicos da Grécia antiga deviam necessariamente passar por esta compreensão enganosa antes de poder iniciar o caminho da iniciação.

Mudança das constelações magnéticas

A compreensão deste comportamento errado provoca uma mudança das constelações magnéticas do microcosmo. O fio de Ariadne, dá a Teseu a possibilidade de sair do labirinto depois de ter matado o Minotauro.⁽²⁾



A história conta que, como castigo, Dédalo e seu filho Ícaro ficam presos no labirinto. Quem triunfa sobre o Minotauro deve morrer: ele vê a ligação da natureza original divina com a natureza dialética, e reconhece o Plano divino. O labirinto representa seu ser com todas as ligações seculares entre microcosmo, cosmo e macrocosmo. É aí que ele deve procurar o princípio fundamental divino, pois este princípio é a chave que abre a passagem para o reino original.

Neste momento crucial de reconhecimento interior, surge o nome de Ícaro pela primeira vez. O filho de Dédalo nasceu no campo de vida que está sob a proteção da força divina original. O nome “Ícaro” pode ter vindo da palavra grega “kér” (coração), ou de “Kér” (a deusa da Morte).⁽³⁾ Quando a nova alma nasce e começa a crescer, também começa a recriação do novo homem, “pela água e pelo fogo”.

Dédalo constrói uma vaca de madeira para a rainha de Creta (pintura mural em Pompéia).

A explicação do nome Ícaro vem, em parte, do livro "The White Goddess, A Historical Grammar of poetic Myth", de Robert Graves (Creative Age Press, New York, 1948). O autor não estabelece nenhuma relação direta entre a deusa Ker e Ícaro. Ele escreve que o nome massorético: (isto é, a partir de exame crítico de textos bíblicos) de Jeová era Q'r — e isto é sugerido pela origem de Creta. Os cários, lídios e mísios originários de Creta possuíam um local de reunião onde adoravam Zeus Cários. Talvez seja dele que venha o nome de "quiritas romanos" e de "curetas" de Delos, de Cálcis, da Etólia e de Creta. Os gregos não conheciam este nome bárbaro, mas chamavam de "kourai" os moços que haviam oferecido seus cabelos ao deus. Além disso, Graves menciona que o nome de Jeová provém, muitos séculos antes de Cristo, da antiga trindade: Q'r (Sol), Ashima (Lua) e Anatha (Ishtar).

O labirinto: símbolo da guinada

Dédalo e seu filho Ícaro se dirigem para o coração do labirinto para escapar a seu aprisionamento terrestre. Afinal, é somente o novo homem, o "Outro completamente diferente" que surgiu no coração, que pode penetrar no reino de Deus. Depois desta guinada, Dédalo começa um processo de preparação que termina com uma ligação consciente com a nova alma.

O labirinto é o símbolo grego do retorno ao ser, da guinada e do arrependimento. Ele representa a senda interior da purificação e enfraquecimento do

"eu", este "eu" que gira em torno do centro mas não consegue alcançá-lo: quanto mais ele vai-se aproximando do centro do ser, mais as curvas do caminho o vão cercando.

Conforme ele vai compreendendo que esta vida é ímpia, vai vendo cada vez mais claramente qual é a tarefa vital a ser cumprida. O homem original, que está presente como um plano dentro do ser interior do homem mortal, vai-se revelando pouco a pouco, progressivamente.

Quem entra em seu próprio labirinto com uma fé inabalável vai-se orientando pela libertação interior. Mesmo que ainda não consiga ver muito claramente o final de seu caminho circular, não se deixa desviar da busca de seu ser mais interior: vai-se aproximando do centro. Os quatro caminhos sinuosos que conduzem a este centro formam a cruz da natureza, que vai ser transformada em cruz da vitória sobre a natureza inferior.

As asas na nova alma

Como está sempre direcionado para o objetivo sublime, o candidato dá à alma a possibilidade de crescer: assim ele vai atraindo os divinos materiais de construção que são necessários para sua libertação. No mito, diz-se que Ícaro fabrica asas de penas e de cera, a fim de escapar da terra. Podemos considerar a cera um elemento de união entre a nova alma em crescimento e a descida do Espírito. No livro *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, é dito que existem três tipos de seres humanos que estão buscando o caminho para o alto: os que utilizam escadas, os que escalam por uma corda e os que usam asas. Estes últimos são os que percebem espontaneamente o plano interior de desenvolvimento. *"É a atividade do eu-intelecto purificado que, após sua purificação, corresponde com*

o homem corporal.” (As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz, Tomo II, página 201, 1ª. edição, 1996, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil). Para estes, a libertação se aproxima, por assim dizer, de forma que eles podem tocá-la.

Dédalo ensina a Ícaro a maneira detalhada de fabricar suas asas, como utilizá-las e também como se comportar durante o vôo. Afinal, cada desvio do plano pode significar o fracasso e ocasionar a morte. Portanto, ele explica o caminho que oferece todas as possibilidades de adquirir conhecimento, a fim de poder dar cada passo com conhecimento de causa, com toda a liberdade.

Desprendimento dos bens terrestres

Quando Dédalo chega na Sicília, Ícaro deixa a existência terrestre e sobe direto para o sol. Para ele, a liberdade eterna tornou-se realidade. Todos os laços que o prendiam à natureza terrestre vão caindo e desaparecendo no mar, que é a natureza à qual estes laços pertenciam. Seu ser é transfigurado de acordo com o processo, que é exposto em detalhes. Completamente renovado, ele revestiu-se de todos os nobres atributos da imortalidade: assim, ele pode se desfazer de seus bens terrestres, pode jogá-los fora e iniciar sua ascensão rumo ao sol que está além do sol.

A finalidade da longa e penosa peregrinação através da matéria é o retorno ao campo de vida divino. Depois de sua guinada interior e depois de sua recriação, o peregrino pode deixar para trás de si tudo o que é perecível. As penas de Ícaro vão caindo no mar, retornando à matéria de onde vieram. O que é imperecível é renascido e se eleva, subindo ao céu. O dom insondável mas profundamente desejado da natureza ao fogo divino permite que o homem original se liberte.

*Pentagrama número 5, ano dezenove.

1) Cf. Robert Graves *Greek Mythology*; *Lexikon der anthike Mythen und Gestalten*, Michael Grant; John Hazel, List Verlag, Munique, 1976.

A ESCOLHA ENTRE O PRAZER E O DEVER E A SENDA DA IMORTALIDADE

O antigo herói grego Hércules sempre foi famoso e ainda é. Vestido com uma pele de leão e armado com uma maça de madeira de oliveira, ele continua com suas aventuras miraculosas em filmes, na TV e nas histórias em quadrinhos. O que será que agrada neste herói? Será que são as situações extraordinárias nas quais ele se encontra, ou sua agilidade e sua força fora do comum?

Hérakles (ou Hércules, para os romanos), desempenha um papel importante na mitologia grega. Ele era considerado “o homem mais forte da terra”. Quando chegou à idade adulta, encontrou-se com duas belas mulheres: Prazer e Dever, que suplicaram, cada uma por sua vez, para que ele as seguisse. Prazer lhe disse: *“Meu nome é Prazer. A maioria dos seres humanos me amam. Vê como meu caminho é largo e fácil, e como ele é macio para seus pés! Segue-o e não sentirás falta do que comer nem beber, nem de roupas bonitas, nem de cama macia, nem de todas as alegrias da vida. Ficarás totalmente isento de dor e ao abrigo de qualquer perigo. Vem comigo!”* Mas Dever assim lhe falou: *“Meu nome é Dever. Ninguém ousa fugir de mim, mas poucos homens me amam. Isto, porque meu caminho é escarpado e espinhoso e na viagem eu não prometo nem facilidades nem prazer. Meu caminho exige muito esforço e inflige dor. Entretanto, o sofrimento que é suportado com coragem transforma-se em júbilo e orgulho. Aquele que me segue ganhará a honra e a paz sobre a*

terra e, finalmente, seu direito de nascimento entre os deuses.”

A maior força do mundo

Estas imagens transmitiam aos seres humanos da época o conhecimento da vida e a idéia de evolução de uma consciência superior. Hércules não hesitou um só instante: ele escolheu o caminho do dever. No momento em que ele manda Prazer ir embora, ele está acertando definitivamente suas contas com os aspectos inferiores de seu ser, que sempre estão se esforçando para aprisioná-lo, aniquilando seus aspectos superiores. Este processo é conhecido como “os doze trabalhos de Hércules”.

Dizem que Hércules era um dos filhos de Zeus, o deus supremo, apesar de ser, ao mesmo tempo, um homem mortal. Por sua origem, ele era dotado de uma força superior a de todos os homens da terra, e de uma inteligência que o fazia agir rapidamente de modo eficaz. Seus doze “trabalhos” no caminho da imortalidade representam o crescimento deste filho de Deus até o estado divino. Em nossa época materialista, o caminho seguido por Hércules ainda é tão atual quanto o era no passado remoto.

O nascimento do herói está envolto em acontecimentos pouco habituais e movimentados, que ilustram sua origem elevada. Zeus, o pai dos deuses, aproximou-se da rainha Alcmena sob a forma de seu marido, que estava ausente. Dizem que esta união levou três noites. Portanto, podemos considerar Hércules como o coroamento de uma ação conjunta entre um impulso divino e a terra

que alimenta os seres humanos. Zeus anuncia com orgulho que seu filho acabará dominando toda a Grécia. Mas Hera, esposa de Zeus, não aceita esta situação: ela tenta abafar este novo princípio desde seu nascimento. Duas serpentes vêm enrolar-se ao redor de Hércules recém-nascido, enquanto ele está dormindo. Ele acorda, pega as serpentes e esmaga suas cabeças.

Os diferentes aspectos do mesmo personagem

Por que este ciúme por parte de Hera? Por causa da realeza, ela prefere o fraco e medroso Euristeu ao inteligente e astucioso Hércules. Muitos mitos gregos falam de um número muitas vezes confuso de personagens e nomes. Deuses e heróis geralmente encarnam os diferentes aspectos de uma só pessoa. Assim, Euristeu pode ser considerado como o aspecto fraco e mortal do ser humano, enquanto Hércules encarna o elemento divino cheio de força. Euristeu impõe a Hércules 12 trabalhos: são os trabalhos que todos os seres humanos devem realizar dentro de si. Hércules deve abrir um caminho para si: o caminho que conduz ao Olimpo, a morada dos deuses. Ele tem como dever tornar-se consciente dos obstáculos e das correntes terrestres que sua natureza divina tem de ir quebrando aos poucos. Este caminho de libertação era reservado somente a alguns seres humanos. Primeiro, era preciso desenvolver uma autoconsciência autônoma para poder, em seguida, renunciar a ela. Neste momento, os seres humanos dispunham de uma consciência mítica coletiva, dirigida por deusas como Hera.

O plano inato de desenvolvimento

A mitologia grega dá uma imagem do processo de transformação da



consciência coletiva para consciência individual. O pensamento tem de se desenvolver e o intelecto tem de se formar como base para a etapa seguinte. Hércules segue esta evolução e suas aventuras ilustram as fases deste processo. Ele dispõe de um poder divino com o qual pode vencer as influências astrais que o ligam à terra. Assim, ele é objeto da repulsa e do ciúme de Hera, que sente que ele vai escapar de seu poder. Devotando sua vida para o bem da humanidade, ele adquire a realeza: isto quer dizer que ele ganha a imortalidade. Desta forma, ele segue o plano de desenvolvimento que já está presente dentro dele desde o nascimento.

Quando faz 18 anos, ele mata o Leão de Neméia e se veste com sua pele. Mas Hera fica enciumada e emprega diversas estratégias para turvar sua consciência, dirigindo-o para caminhos diferentes. Ela lhe mostra que seus filhos espirituais são uma ameaça para ele. Matando-os, ele desperta de suas ilusões e se fecha em

Hércules ajuda Atlas a carregar o mundo (gravura de C. David, 1635, coleção Mansell, em Londres).

“ ó Pai, vejo, na alma-espírito, o Universo inteiro, assim como a mim mesmo!”

Tat faz a seguinte pergunta a Hermes: *“Dize-me ainda o seguinte: como são os castigos da escuridão, que são doze em número, expulsos por dez forças? De que modo isso acontece, Trismegisto?”*

E ele recebe esta resposta:

“Esta tenda, que abandonamos, foi composta pelas forças do círculo do zodíaco, que, por seu turno, consiste de doze elementos: de uma natureza, porém multiforme em imagem, segundo o pensamento errôneo do homem. Entre esses castigos existem, meu filho, os que operam como unidade. Assim, a astúcia e a irreflexão são inseparáveis da cólera. Não se podem mesmo distinguir. É, pois, compreensível e lógico que desapareçam conjuntamente quando estão sendo expulsas pelas dez forças, porque são estas dez forças, meu filho, que dão nascimento à alma. Vida e luz estão unidas. Assim, o número da unidade nasce do Espírito. E, do mesmo modo, segundo a razão, a unidade contém a década, e a década, a unidade.”

Depois destas explicações, Tat acrescenta:

“Pai, vejo, na alma-espírito, o Universo inteiro, assim como a mim mesmo!”

E Hermes conclui:

“Eis, meu filho, o renascimento; é impossível fazer disso representações tridimensionais. Conhece-o e experimenta-o agora, graças a este “discurso relativo ao renascimento”, que somente em favor de ti pus por escrito, para que a multidão não participe

dele, porém exclusivamente os que são eleitos por Deus”.

Situemos nossos comentários deste Diálogo secreto em um plano mais elevado, estendendo-o ao macrocosmo, como a pergunta de Tat e a resposta de Hermes o necessitam: *“Como os castigos da escuridão, que são doze em número, são expulsos por dez forças?”* e a resposta precisa: *“que a personalidade, que somos nós mesmos, não procede somente da terra, mas também do zodíaco”.* Se alguém praticou ao menos um pouco de astrologia, sabe que nosso sistema solar com todos os seus planetas e luas move-se no interior dos doze signos do zodíaco, que formam um único sistema. Este sistema rege totalmente nossa vida: nossa personalidade depende dele totalmente. A tenda que representa a personalidade em que nós habitamos somente existe graças às doze atividades do zodíaco. Se refletirmos a respeito disso, se já verificamos isto pela astrologia e por suas aplicações, veremos claramente que todo o sistema zodiacal vai formando um sistema astral, do qual vivem os habitantes de qualquer planeta que seja. Conseqüentemente, este sistema (e tudo o que nele se encontra) constitui o que chamamos de natureza da morte, o não estático, onde as forças contrárias sempre estão se manifestando e se neutralizando. Todos podem facilmente constatar e observar o contínuo “subir, brilhar e descer” do universo da morte, simplesmente a partir da astronomia, mesmo sem recorrer à astrologia. Constatamos claramente a existência do zodíaco, o espaço fechado no qual, como diz

Jacob Boehme, *“Deus encerrou a humanidade, a fim de que o mal que aí toma forma não possa penetrar o Universo inteiro”*.

Hermes diz literalmente que os doze vícios partem diretamente das atividades zodiacais: *“O zodíaco consiste de doze elementos: de uma natureza, porém multiforme em imagem, segundo o pensamento errôneo do homem”*. Isto quer dizer que nascemos sob um signo do zodíaco, uma atividade do zodíaco. Portanto, há um aspecto que domina basicamente nossa vida, ao qual se misturam as onze correntes restantes. Estas operam em conjunto para seduzir os homens. Elas formam como que uma unidade absoluta e são quase ilimitadas. Conseqüentemente, os doze vícios estão ancorados em todos nós. Ninguém os aprendeu nem cultivou. Eles não são nem o resultado da maldade nem o resultado do conjunto de nossos pecados. Pensemos na imagem que os conceitos de vício e de imperfeição evocam: trata-se de alguma coisa inacabada, que ainda não se tornou uma virtude, ainda não se tornou perfeição. Trata-se, portanto, de uma atividade mais ou menos caótica. Em outras palavras, nossa natureza é uma natureza em devir, é um aspecto daquilo que está por vir. É por esta razão que falamos também em nascimento natural, em nascimento da alma e nascimento do Espírito. E ainda há o segundo nascimento. Os doze vícios estão presentes em nós, em seu aspecto positivo e negativo, em seu aspecto de bem e de mal. Eles podem constituir um karma tão pesado que muitas vezes nos curvamos sob o peso dos erros e da própria

natureza deles. O imperfeito encerra o que pode tornar-se perfeito. Em todos os tempos, a humanidade conheceu estas atividades e seus resultados. Por mais longe que recueis na história do mundo, sempre reconhecemos os efeitos e a natureza do zodíaco.*

* Jan van Rijckenborgh, *Arquignosis Egípcia* Tomo IV, página 140, 1ª edição, 1991, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.

Hércules estrangula as duas serpentes que o ameaçavam (Casa dei Vétii, em Pompéia).





um quarto escuro para chegar a uma compreensão melhor.

No momento em que ele vê que sua força incontrolável provoca ruína, ele se encontra com Prazer e Dever. Em nossa época, estas palavras podem ter um significado diferente. Entretanto, a palavra “prazer” aqui evoca, de preferência, tudo o que diz respeito ao homem terrestre, enquanto que o velho conceito de “dever” diz respeito ao caminho traçado pelos deuses para os homens.

Os doze trabalhos de Hércules

As doze “tarefas” que Hércules recebe das mãos de Euristeu se relacionam às doze esferas de influência do zodíaco: aos poderes do campo de vida dialético em que a humanidade evolui. Cada vez que cumpre uma de suas vitórias, Hércules “coloca o vencido em seu devido lugar” no zodíaco.

De todas estas peripécias, percebemos que a mitologia grega trata de dois campos de vida diferentes. Triunfando sobre as forças do zodíaco e “colocando-as em seu devido lugar” Hércules vai abrindo seu caminho para o Olimpo. Segundo a Doutrina Universal, o homem é governado pelas irradiações planetárias, estelares e das constelações. Estas influências estão nos horóscopos. Este apinhado da organização microcós mica deixa ver exatamente quais são as influências benéficas ou malélicas. Mas, cuidado: o horóscopo mostra a prisão em que estamos presos, mas não dá a porta de saída! Realmente, a disposição dos planetas no momento do nascimento corresponde ao firmamento microcós mico, às estrelas do ser aural. As doze vitórias sobre esta submissão às forças do zodíaco é o tema do mito de Hércules, que ao mesmo tempo é uma saga a este respeito.

MITOS OU SAGAS?

Mitos e sagas podem ser confundidos. Um mito é uma narrativa ou uma tradição a respeito de deuses ou forças naturais personificadas. Como suas aventuras ultrapassavam a consciência humana, os mitos geralmente eram qualificados como insensatos, irrealis ou fantasmagóricos. Uma saga é uma história popular tradicional que se refere a um herói qualquer. Geralmente a saga tem um fundo de verdade. Como a mistura grega mistura mito e saga, fica difícil de traçar a fronteira entre os dois.

Na história de Hércules, estas duas formas estão estreitamente imbricadas, porque, com o passar dos séculos, o impulso mitológico sempre será esclarecido, amplificado e embelezado novamente para continuar atual. É por isso que as narrativas mais antigas da mitologia grega são menos complicadas do que as versões posteriores, que são puramente literárias.

Purificação total

Uma das provas mais famosas é a da purificação do sistema microcós mico em sua totalidade. Um dia, Hércules tem de limpar as estrebarias de águias, onde a sujeira se acumulou há muitos anos. A sujeira é tão fantástica que ninguém pode cumprir esta tarefa com suas próprias forças. Hércules desvia para a estrebaria o curso de dois rios e estas ficam admiravelmente limpas em um piscar de olhos. Podemos considerar estes rios como sendo os dois cordões nervosos ao longo da coluna vertebral. Uma outra versão faz alusão a um único rio. Esta imagem faz pensar

Quando a luz penetra em um ser, as estrebarias de águias de seu microcosmo sujo são lavadas (pintura sobre seda, ilustração Pentagrama).

que, para cumprir esta tarefa, Hércules utilizou a corrente de energia divina da água Viva. Realmente, é exclusivamente com o auxílio de uma força como esta que é possível neutralizar e retirar as sujeiras acumuladas.

Uma outra tarefa diz respeito às três maçãs de ouro do jardim das Hespérides, as filhas de Atlas: um dragão de cem cabeças, que jamais dorme, guarda o tesouro. Como Hércules chega até este jardim, ele mata o dragão com uma só flechada. Depois disso, ele pede a Atlas para ajudá-lo, pois ele não consegue colher as maçãs de ouro. Então, Atlas coloca o mundo sobre os ombros de Hércules e se apodera das maçãs. Mas, muito feliz com a notícia de sua liberdade, Atlas quer carregar estas maçãs e levá-las para Euristeu. Com sua astúcia (fruto de sua jovem inteligência), Hércules consegue fazer com que Atlas se decida a retomar o seu fardo. Assim, livre do peso sob o qual o mundo o retinha, e transformado em um ser eternamente jovem graças às maçãs de ouro, ele já pode abandonar o mundo e subir até o Olimpo.

última tarefa. Mas, com sua força sobre-humana, ele consegue fazer com que o monstro saia de sua toca e o atira, preso em correntes, aos pés de Euristeu. Seu eu inferior (Euristeu) então se rende e Hércules é finalmente libertado.

Como seus doze trabalhos foram cumpridos com sucesso, Hércules triunfou sobre sua natureza inferior. O fim de sua vida terrestre é a morte pelo fogo. Sua mulher Djanira lhe dá uma túnica embebida em veneno, acreditando que assim poderá reconquistar seu amor, por artimanhas mágicas. Quando Hércules veste o que o texto chama de “a túnica de Nesso”, esta cola em sua pele e queima seus membros. Nesta luta mortal, ele constrói uma fogueira sobre a qual sobe voluntariamente para se desembaraçar de seu envoltório terrestre. Assim, ele morre pelo fogo, com sua pele de leão e sua maçã.

No Olimpo, Zeus clama de alegria: “*O que era imortal em Hércules agora ficou livre da morte. Logo irei acolhê-lo neste lugar abençoado*”.

Rompendo a prisão

O dever mais pesado é o último: diz respeito a Cérbero, o cão de três cabeças que governa os mundos inferiores e ameaça a alma prisioneira: Perséfone. É preciso levá-lo até a luz do dia para romper seu poder. Acompanhado de Atenas e de Hermes, Hércules desce até os Infernos. A viagem é longa, perigosa, extremamente cansativa e o desespero cobra o seu tributo. Mas Atenas, sua deusa protetora, sempre o consola e lhe dá forças. E Caronte, o barqueiro que faz a travessia do rio Styx para os mortos, finalmente o conduz até Hades, o soberano do reino dos mortos. Este autoriza Hércules a pegar Cérbero, mas sem utilizar nenhuma arma! O herói pensa que não vai poder cumprir esta

O ROUBO DO MANTO DA ALMA

Uma parte da mitologia grega provém do período em que o principal processo de desenvolvimento era o da consciência imaginativa. Os deuses e seus mensageiros desempenhavam um papel central neste processo, e, sem suas instruções, os heróis gregos não estavam preparados para atingir seu objetivo.

Existem muitas versões dos mitos e lendas da mitologia grega. Assim, dizem que a sogra de Frixo infernizava sua vida e então Hermes lhe deu um carneiro de ouro (também chamado de Velocino de Ouro) sobre o qual Frixo montou para fugir para a Cólquida. Também existe uma versão segundo a qual Frixo decidiu fugir por sua própria vontade. Vagando pelo mundo, ele chegou a Delfos e aí, extremamente cansado, adormeceu em um templo e sonhou que encontrava um homem barbudo, de cabelos compridos. Seus ombros largos estavam recobertos com pele de carneiro; o homem tirou a pele de seus ombros e deu este tosão a ele, dizendo: *“Toma este tosão, para uma vitória ou para uma derrota”*. Escolhemos esta versão para esclarecer a história do Tosão de Ouro, porque ela oferece muitas chaves para quem está buscando a verdade.

Ao despertar, Frixo vê o homem com o qual ele havia acabado de sonhar, mas ele é de mármore branco e traz sobre seus ombros um tosão de ouro. Ele é tão forte e tem um ar tão digno que faz lembrar Hércules. Aos pés da estátua está gravada uma só palavra: Cólquida.

“Eu cheguei à praia, em meio a mil perigos”

Nesta versão, da qual o escritor e poeta Franz Grillparzer (1791-1872) fez uma peça de teatro (*O Tosão de Ouro*), Frixo diz: *“Em meu sonho os deuses me aconselharam a tirar o tosão de ouro e ir para a Cólquida. Eu escutei o conselho, peguei o tosão de ouro e fui rapidamente cumprir meu dever. Quando estava a caminho, os sacerdotes se inclinavam diante de mim, o povo se ajoelhava quando eu passava e a multidão recuava quando via o tosão de ouro que os deuses me haviam dado. Eu o carregava diante de mim sobre uma lança e assim cheguei à praia, em meio a mil perigos. Embarquei e ela flutuava como dourada chama de ouro sobre mim e me mostrava o caminho em meio às ondas tumultuadas. A água, o vento e o mundo infernal haviam conjugado suas forças para tentar me fazer naufragar, mas nenhum mal me aconteceu e atingi, são e salvo, a região da Cólquida.”*

Aqui Frixo mostra que o Tosão de Ouro ainda não é sua propriedade pessoal: ele o carrega como se ele viesse a sua frente. Chegando à Cólquida, ele quer apresentá-lo a Peronteio, deus protetor desta região. Mas Eetes, o rei da Cólquida, considera o portador do Tosão de Ouro como um intruso, fica inquieto por causa de seu trono e decide matá-lo para despojá-lo. É que o oráculo de Delfos havia predito a Eetes que, sem este tosão, ele não viveria muito tempo. Porém, nas narrativas mais antigas, Frixo é convidado à corte, onde ele atinge uma idade avançada.

Frixo é assassinado por Eetes, e

A NOVA VESTE DE CHRISTIAN ROSENKREUZ E A DECORAÇÃO DO VELOCINO DE OURO.*

“Quem bebeu da fonte de todas as coisas, quem recebe de beber dos irmãos da Rosa-Cruz, viverá. O candidato lava-se nessa água viva. Ele bebe esse néctar da taça áurea do Espírito.

É evidente por que aqui e em outros locais dessa narrativa o ouro é escolhido como símbolo. C.R.C. bebe da taça áurea, ele recebe uma nova veste totalmente tecida em ouro e enfeitada magnificamente com flores. Em seguida Ihe é presenteado um segundo Tosão de Ouro, adornado com pedras preciosas. Nesse Tosão de Ouro pende pesada moeda de ouro, sobre a qual estão retratados o sol e a lua, face à face, e em cujo verso se encontra o aforismo:

*O luar será como a luz do sol,
e esta brilhará sete vezes
mais intensamente do que agora.*

Todos os adornos que os candidatos haviam recebido antes são retirados e recolhidos. Agora eles têm apenas valor histórico. E assim equipados, os candidatos sobem a escada real em espiral.

É nossa intenção explicar-vos agora o significado desse precioso apetrecho aurifulgente e, após, ousar tentar subir com os recém-chamados a escada real em espiral.

Examinemos inicialmente a qualidade do candidato que adentrou o quarto dia! A rosa da alma, o coração central do microcosmo, abriu-se. A Alquimia propagou-se no campo de respiração. Ela é a nova substância astral pura que não é explicável

pela natureza da morte.

Os sete pesos estão colocados em seus lugares, isto é, os aspectos primários do Espírito Sétuplo iluminam de nova maneira as sete cavidades cerebrais e inflamaram novamente o candelabro de sete braços.

Agora o candidato está aparelhado para o início da festa nupcial. É deveras um maravilhoso aparelho, aparelho com que se pode adentrar, com certeza, o aspecto mais elevado do Corpo-Vivo da jovem Fraternidade gnóstica, a Cabeça Áurea, o campo da ressurreição. Esse aparelho não é suficiente, porém, para poder-se subir a escada real em espiral, isto é, para poder-se, como membro da Cabeça Áurea, nela realizar um trabalho prático.

Por esse motivo, fala-se no livro “As Núpcias Químicas de uma veste completamente nova e do novo adorno do Tosão de Ouro. Compreendereis talvez que a atenção é dirigida aqui para alguns novos aspectos e realizações que têm de ser vivificados inicialmente nos candidatos. A fim de compreenderdes isso, tendes de inteirar-vos que três entidades devem ser reunidas no grande processo de transfiguração. Três entidades que no início, não obstante, são nitidamente diferenciáveis, a saber, o Espírito, a alma e o corpo da personalidade.”

Jan van Rijckenborgh em *As Núpcias Alquímicas de Christian Rozenkreuz*, Tomo II, 1996, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.

Medéia, a filha do rei, fica seriamente inquieta com a conduta de seu pai. Ela sente que não se trata do encontro entre dois inimigos, mas do cumprimento do destino de dois homens e que outras ações fatais se seguirão. A notícia do assassinato e do roubo logo se espalha, pois o tosão roubado é um tesouro conhecido universalmente.

O país onde estão guardados os raios do sol

Jasão recebe a missão de ir em busca do Tosão de Ouro. Cinquenta homens corajosos e empreendedores se apresentam para acompanhar Jasão até a Cólquida. Entre eles estão: Argos, o mestre construtor do navio; Hércules, “o homem mais forte da terra”; Orfeu, cuja música possui uma virtude mágica; Linceu, que tem aguda visão; Teseu, Peleu, Meleagro e o filho de Boreos. Mas primeiro é preciso construir um navio adequado. A deusa Atenas escolhe uma madeira resistente à água do mar. Dizem também que ela oferece um pedaço do carvalho sagrado de Zeus para a proa. Com estes materiais, Argos constrói uma embarcação rápida e sólida que recebe o nome de Argo, que quer dizer “navio rápido”.

Os Argonautas devem enfrentar bravamente inúmeros perigos antes de atingir a costa hospitaleira da Cólquida. Nas versões mais antigas, a Cólquida é descrita como “o país onde estão guardados os raios do sol”. Nestas versões o rei Eetes é filho de Hélio (Apolo, deus do sol) e é uma pessoa amável e acolhedora. Mas na versão do sonho de Frixo, a Cólquida é invadida por árvores e arbustos de todas as espécies e é devastada por furacões. Nas versões que vieram depois, Jasão deve cumprir inúmeros trabalhos para seu anfitrião antes de poder apossar-se do Tosão de Ouro. Mas não é isto o que acontece na versão do sonho de Frixo. Depois de



muitas peregrinações, Jasão encontra a torre em que Medéia se retirou depois do assassinato de Frixo. O rei Eetes e seu filho chegam à torre ao mesmo tempo que Jasão, para trazer Medéia até o pátio. Jasão e o irmão de Medéia se entregam a um violento combate: então, Medéia acaba interferindo e decide que o combate terminou em favor de Jasão.

Às vezes, o papel de Medéia é contraditório

É Medéia quem desfaz a segunda tentativa para fazer com que Jasão morra: desta vez, envenenado. Finalmente, como ela sabe encantar o dragão, Jasão tira o tesouro roubado do poder de Eetes e o carrega a bordo do navio “Argo”, onde Medéia embarca para fugir de sua pátria. Quando o rei e seu filho percebem que o Tosão de Ouro e Medéia desapareceram, o jovem se atira ao mar e o pai cava sua própria tumba.

O Tosão de Ouro nem sempre trará sorte a seus novos possuidores. Eles

O dragão de Cólquidas vomita Jasão (taça proveniente da Ática, por volta de 475 d.C., Museu Etrusco Gregoriano, no Vaticano).



Jasão rouba o Velocino de Ouro (baixo-relevo romano).

seguem a rota durante muitos anos e a tripulação não pára de diminuir. Quando, finalmente, Jasão consegue chegar ao porto certo, ele fica sabendo que sua herança caiu nas mãos de seu sobrinho. Ele já não tem onde morar e tem de embarcar novamente. Neste ponto também há versões muito diferentes. A intervenção de Medéia lhe traz má sorte, pelo menos aparentemente. Medéia desempenha um papel muito oscilante na mitologia grega. Às vezes ela é maléfica, às vezes é benéfica. Mas ela é sempre a força que retifica e dirige para outros caminhos os processos que estão bloqueados.

Ação mista da alma natural e da alma divina

Na realidade, as aventuras dos Argonautas em busca do Tosão de Ouro representam a grande tragédia humana. É a manifestação continuada da ação mista da alma natural e da alma divina. Os conflitos que decorrem desta ação traduzem a fase de desenvolvimento em

que se encontra um homem ou um semi-deus. As interpretações históricas são mais direcionadas pelos problemas da alma natural; as interpretações esotéricas tratam da libertação da alma divina das garras da alma natural. A filosofia grega mostra claramente a linha ascendente sobre a qual o homem deve abandonar as ilusões das quais as narrativas mitológicas tratam.

Na versão elaborada por Grillparzer, Frixo, o filho do rei, faz lembrar o mensageiro dos deuses que deixa sua região para levar à humanidade sofredora um poder divino (o Tosão de Ouro). Assim, ele se põe a caminho para uma ilha invadida por uma vegetação selvagem onde reina Eetes, um rei ambicioso. Este se apossa do Tosão, que é o poder divino, e faz com que ele seja guardado pelo dragão ou serpente da consciência natural. Podemos comparar Medéia, sua filha, ao princípio divino que dá a possibilidade de atingir o Reino de Deus. Depois do crime hediondo praticado por seu pai, ela lhe dirige as seguintes palavras:

“Odeio tua casa. Sinto horror de morar aqui, perto de ti, agora que mataste este estrangeiro. Ele era um mensageiro dos deuses e tu roubaste seus poderes. Agora possuis em tua casa a centelha que reluz e brilha e jamais se apagará mesmo que derramasses sobre ela toda a água da fonte sagrada e do mar infinito”. Então, ela deixa a casa paterna e pede o auxílio dos deuses. Mas as trevas que envolvem e habitam o rei da Cólquida não se dissipam.

“Os deuses criaram um ser duplo”

Então surge Jasão; e Medéia se sente atraída por ele. Ela diz: *“Há algo no ser humano que, independentemente da vontade de quem o possui, atrai e afasta com uma violência cega, como o*

brilho e o metal, o ímã e a limalha de ferro". E Jasão responde: *"Em meu país reina uma bela crença. Os deuses criaram um ser duplo, depois o dividiram em dois. Agora, as duas metades devem buscar uma à outra: as almas têm de se unir e fazer uma só"*.

No mundo dialético, a felicidade não é eterna. Medéia adverte Jasão para não erguer novamente o Tosão de Ouro, se ele realmente quiser recuperar sua herança. Pois, se servir para aos desejos dos bens terrestres, a posse do Tosão de Ouro somente trará a derrota. Por isso, Frixo tinha recebido esta mensagem: "Toma este tosão. Para uma vitória ou uma derrota". A vitória liberta da prisão da morte; a derrota significa uma nova "queda" e um mergulho cada vez mais profundo na matéria até o limite em que tudo o que foi alcançado seja aniquilado. Então, será preciso empreender uma nova tentativa para progredir até o ponto de poder tomar e carregar o Tosão de Ouro.

"Já não sou quem eu era"

Como um pai, o amigo de Jasão pensa que a partida de seu país e suas peregrinações em busca de uma nova pátria somente poderão dar resultado se ele se afastar de Medéia. Mas é justamente Medéia que quer liberá-lo de seu desejo de poder e de posse. Ele resiste a sua influência, dizendo: *"Já não sou quem eu era: esta força foi rompida em mim, ela está morta em meu coração, assim como a coragem"*. E Medéia responde: *"Assim, por estares preocupado com tua casa, tua fama e tua glória mataste teu belo florescer da alma da juventude. Oh, se fosses aquele que eras outrora, quanto eu gostaria que fosses..."*

Depois deste diálogo, Medéia compreende que Jasão escolheu a reputação, a fama e o poder. Por ele, ela tem de renunciar à esperança de libertação;

mas tenta um último meio: a purificação total, para fazer morrer todos os aspectos terrestres do microcosmo. Então ela leva o Tosão de Ouro (a veste áurea de núpcias) até Delfos, para que os deuses decidam.

“Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças.”
“O homem que começa a viver desse duplo e concentrado rio de Deus, rio que flui ininterruptamente, tornou-se, ao mesmo tempo, um homem-alma. A luz gnóstica dupla fez com que a rosa despertasse em seu coração aberto, e todos os fluidos vitais do sistema são preenchidos por essa luz, e justamente com todas as conseqüências das quais fizemos menção. A luz irrompe no santuário da cabeça, após ter encontrado seu caminho, através do coração e do sangue. Ela esbraseia todo o campo de respiração e começa com a transfiguração do corpo astral do candidato. E agora, quando ele se lembra da advertência dos grandes de que “cinco minutos de pensamentos irrefletidos podem desfazer um trabalho de cinco anos”, então logo virá o momento em que o candidato entra em ligação com o novo campo astral da Escola Espiritual. Também esta ligação, correspondentemente ao mistério do Santo Graal, é dupla: uma ligação se realiza como homem diurno, como homem que vive no corpo do nascimento natural, e a outra ligação resulta como homem noturno, como homem que vive fora do corpo do nascimento natural. Já vos dissemos que o aspecto exterior do campo astral do Corpo-Vivo deve ser visto como um campo de cor áurea misturado com o violeta da sexta região cósmica. Pois bem, o aluno que avança positivamente no duplo processo gnóstico de luz logo começa a mostrar, em seu campo de respiração, esse adorno áureo, essa radiação áurea do prana da vida. A isto se refere a Bíblia quando fala da veste áurea de núpcias. Quem avança em sentido positivo na senda da vida, e assim se aproxima da Gnosis, recebe as qualidades astrais do campo astral do Corpo-Vivo. Estas forças de luz irrompem no coração, misturam-se ao sangue, elevam-se ao santuário da cabeça e espalham-se ao redor do corpo. Por isso a Escritura Sagrada fala de veste áurea de núpcias. E assim tam-

bém compreenderéis o que diz o Apocalipse 3, versículo 18: “Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças.”
Essa radiação áurea é o aspecto que começa a tomar o corpo astral em transformação do candidato. O homem astral da natureza dialética comum e cultivada tem uma forma vaga, nebulosa, de cor vermelho-violeta, circundada por um círculo oval azul-pastel. E acima deste todo cintilam as outras cores espectrais comuns, em todas as suas gradações, tal como o encrespamento da superfície da água. Quando o sol brilha e uma lufada de vento movimenta a superfície da água, surgem efeitos cromáticos de toda a espécie, que se refletem e deslizam pela superfície. Assim podeis, aproximadamente, imaginar como cintilam nessa forma vermelho-violeta do corpo astral dos seres humanos todas essas tonalidades cromáticas. E esta variegada manifestação de cores demonstra com o que o homem está ocupado; a qualidade de seu caráter expressa-se nessa manifestação cromática; por exemplo, sua orientação, o que está pensando, tudo para onde o seu ser, no momento, se dirige. Todo pensamento, todo desejo, toda atividade volitiva, mostra no campo de respiração uma correspondente manifestação cromática. E, por isso, para o observador, o homem é como um livro aberto. Quando o campo de respiração do candidato é tocado pela Gnosis e o candidato começa a viver desse toque, esse campo adquire um outro tom concomitante. Ele se torna magnificamente áureo. Por isso, o observador não considera o que alguém diz e tampouco considera sua atitude. Porém, se a pessoa em questão, gnosticamente falando, tece efetivamente essa veste áurea, se sua veste astral de fato começa a tornar-se maravilhosamente áurea e o azul do ser aural desaparece, pode-se dizer que a veste aural verdadeiramente desaparece na incandescência áurea da veste de núpcias.”

Jan van Rijckenborgh em As Núpcias Alquímicas de Christian Rozenkreus, Tomo II, 1996, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.



“Esta tenda que abandonamos foi composta pelas forças do círculo do zodíaco, que, por seu turno, consiste de doze elementos: de uma natureza, porém multiforme em imagem, segundo o pensamento errôneo do homem”.

Resposta de Hermes a Tat.

(A escolha entre o prazer e o dever e a senda da imortalidade, p. 34)